

TEMPOS DE LUTA

MAJÊS
BALAIADA
SABINADA
CARRANCAS
CABANAGEM
FARROUPILHA
MANOEL CONGO

HISTÓRIAS DO PERÍODO REGENCIAL (1831-1840)



FABIANA MACENA
ORGANIZADORA

OITAVOS ANOS | CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 18 DE CEILÂNDIA

Governador do Distrito Federal

Ibaneis Rocha

Secretário de Estado de Educação do DF

Hélvia Miridan Paranaguá Fraga

Subsecretário de Educação Básica

Iêdes Soares Braga

Coordenador da Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia

Vinicius de Miranda Burgel

Diretora do Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia

Elaine Rodrigues de Amorim

Vice-Diretora do Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia

Maria Lúcia Bertoli

Supervisora Pedagógica

Lauene da Silva Lopes Macedo



Conselho Editorial

Profa Dra Elizabeth Madureira Siqueira – IHGMT

Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro – UFMT

Profa Dra Nileide Souza Dourado – NDIHR/UFMT

Prof. Sérgio Henrique Puga da Silva – UFMT

Profa Dra Adrienne de Oliveira Firmo – USP

Me Adriana Gonçalves Pio – UNIVALE

Daniela Bitencourt Bueno – FMUSP

Madelene Marinho e Silva – UNESP

Juliana de Medeiros Garcia Ribeiro – IFMT

FABIANA MACENA

(Organização)

TEMPOS DE LUTA

Histórias do período regencial
(1831-1840)



Brasília, DF
2023

© Fabiana Macena (Org.), 2023.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

CIP – Catalogação na publicação

M141 Macena, Fabiana.

Tempos de luta – histórias do período regencial
(1831-1840) / Fabiana Macena (Org.), – São Paulo:
Paruna Editora, 2023.

124 p.; il. PDF

ISBN: 978-65-85106-17-7

1. História. 2. Quadrinhos. 3. Linguagem. I. Macena, Fabiana. II.
Título.

CDU 37/49 370.71

Revisão e Normalização Textual:

PARUNA EDITORA

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

**Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna
Editorial**

Ilustrações - miolo e capa:

**Alunas e alunos do Centro de Ensino
Fundamental 18 de Ceilândia (CEF 18)**



Paruna Editorial

Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento

CEP: 01552-020 – São Paulo, SP

parunaeditorial@gmail.com

www.paruna.com.br

APRESENTAÇÃO

O Centro de Ensino Fundamental 18 (CEF 18) é uma escola pública de periferia, localizada no P-Sul/Ceilândia, no Distrito Federal, cujo principal objetivo é formar cidadãos(ãs) capazes de analisar criticamente diferentes contextos, capazes de propor soluções diante de quaisquer situações, sejam elas conflituosas ou não. Portanto, o compromisso do CEF 18 é atuar no processo de ensino-aprendizagem de nossos/as discentes, cumprindo com zelo a proposta do *Currículo em Movimento* da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Os eixos transversais propostos em nosso *Currículo* (Educação para a Diversidade e/Cidadania, Educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade) permeiam todas as propostas de atividades e projetos pedagógicos de nossa unidade escolar e constam em nosso Projeto Político Pedagógico. Desta forma, com esta gestão, o CEF 18 vem, desde o ano de 2017, atingindo a meta proposta pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e propondo, juntamente com os docentes que por aqui passam, adequações, (re)organização curricular e intervenções pedagógicas que amenizam fragilidades e potencializam aprendizagens.

Por esta razão, é com muito orgulho e satisfação que apresento o livro **Tempos de luta: histórias do período regencial (1831 - 1840)**, orientado e idealizado pela nossa querida professora Dr^a Fabiana Macena, junto aos alunos e alunas dos 8º anos do ensino fundamental – anos finais.

Ao longo do ano de 2022, a professora oportunizou às/aos discentes o estudo, o debate e a pesquisa, possibilitando as aprendizagens através da leitura e da escrita. No processo de construção deste trabalho, foi despertado em nossos/as estudantes o brio de pertencer a um espaço em que o estudante é o autor principal do seu saber. Sendo assim, assumindo o papel principal, tornaram-se escritores e escritoras de seus conhecimentos e, com a mediação da docente, elaboraram este material de estudo para os seus pares. Nada mais enriquecedor do que aluno e aluna aprendendo e ensinando.

A obra nos apresenta narrativas sobre o período regencial sob um olhar contemporâneo de nossos/as estudantes. Correlacionando aquela política com os tempos atuais, puderam observar os avanços alcançados nestes dias e perceberam ainda mais: para obter mudanças que possam amenizar as grandes disparidades socioeconômicas no país ou, que seja, no pequeno espaço a que pertencem, como a escola, precisam primeiramente munir-se de conhecimentos, adquirindo habilidades e competências que possam direcioná-los/as a alcançar a transformação que assim desejam. Não tenho dúvidas de que este projeto foi e será um objeto transformador no meio de nossos educandos, uma conquista que marcou a sua trajetória neste escalar do aprender, ostentando, com orgulho, uma educação de qualidade.

Elaine Rodrigues de Amorim

Diretora do Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....9

OS ESCRAVIZADOS DE CARRANCAS.....14

Por: Ana Clara Barros Pereira Dutra, Arthur Henrique da Rocha e Silva, Esthela Beatriz Ferreira Sampaio e Júlia Beatriz Ferreira dos Santos

REVOLTA DE CARRANCAS.....23

Por: Rian Dantas de Souza, Júlia Silva Oliveira, Ananda Luise Ramos da Costa e Luís Eduardo Maciel de Santana dos Anjos

CARRANCAS.....27

Por: João Gabriel Vieira da Silva Araújo, Maria Luísa Teixeira Arêdes Lopes

CABANAGEM.....31

Por: Rafael Cristhyan Silveira Alves Fernandes, Vinícius Miguel Lima de Oliveira, Ian Cléber Sousa de Oliveira e Geovane Barbosa dos Santos

REVOLTA DOS CABANOS.....33

Por: Nicolly Ferreira Lustosa Silva, Victor Alves de Oliveira, Alessandra dos Anjos Batista Gonçalves e Anndry Tatielle Nunes Pereira

A CABANAGEM.....37

Por: Maria Eduarda Marques Silva, Maria Clara da Silva Santos e Erika Luiza Miranda Santos

REVOLTA DOS MALÊS.....45

Por: Gabriel Evangelista de Oliveira, Yasmin Vieira Câmara, Maria Luiza Vieira dos Santos e João Miguel Siqueira Lima

REVOLTA DOS MALÊS.....52

Por: Yago Gabriel Rodrigues da Silva, Felipe Antônio Pastana Almada e Vichthor Gabriel Souza dos Reis

HISTÓRIA DOS MALÊS.....54

Por: Kerollen Keize Silva Araújo e Victor Gomes Werneck Marques

A REVOLTA DA SABINADA.....59

Por: Erick Alexandre de Souza Ramos, Yago Borges dos Santos, Thayline Araújo Alves, Kauã Antunes Vaz e Ruan Antunes Vaz

SABINADA.....64

Por: Jhuly Karolayne Mattos Araújo, Anah Kemilly Costa Santana, Samyra Vitória da Silva Santos e Kaylane Leal Bezerra

A REVOLTA DA SABINADA.....71

Por: Marco Antônio de Aguiar Nascimento, Giovanna Marques dos Santos Carvalho, Júlia Emanuely Colins Oliveria e Lorena Viera Corado

BALAIADA.....76

Por: Anna Clara Souza Rodrigues Couto, Sophia Gonçalves de Moura Neres, Sophia Ramalho Sousa e Isabel de Sousa Lisboa

A BALAIADA.....82

Por: Maria Isabela Ferreira dos Santos, João Moisés da Silva, Kaio Eric Ribeiro de Andrade e Almir Heyttor Marques Novais

BALAIADA.....88

Por: Leônidas Tavares Mendes Lima, Lorrany França de Araújo, Katrine de Souza Machado e Helena Cardoso Rodrigues

BEM-TE-VI BALAIADA.....94

Por: Davi Cardoso de Jesus, Renan de Sousa Ramos, Enzo Lucas Borges Lima, Arthur Dias Pereira e Rian Henrique Bezerra de Souza

REVOLTA DE MANOEL CONGO.....97

Por: Ana Flávia Cunha de Queiroz, July Sousa Costa dos Santos, Rebeca Suzana de Souza e Isabel de Sousa Lisboa

REVOLTA FARROUPILHA.....104

Por: Heloysa Heglaya Oliveira Daniel, Helena Duarte Lemos, Luíza Caroline Carvalho de Oliveira e Emily Jaqueline dos Santos Fagundes

FARRAPOS.....107

Por: Samuel Vasconcelos Azevedo, Alison Sousa Silva, Thalita Santos Viana e Gabriel Lucas Almeida da Silva

INTRODUÇÃO

Em 1831, a pressão e as críticas sobre D. Pedro I eram muitas e cresciam por toda parte, fosse na imprensa, nas ruas ou nos espaços institucionais. As disputas do Executivo (Coroa) com o Legislativo (Câmara), o estilo autoritário do monarca, as dificuldades financeiras e o envolvimento cada vez maior de D. Pedro I com a sucessão do trono português, aliados às muitas tensões entre brasileiros e portugueses, tornavam seu reinado cada vez mais inviável e insustentável. É neste cenário conflituoso que ocorre, em 7 de abril de 1831, a abdicação do trono, ou seja, D. Pedro I renunciou ao seu cargo de chefe do Império do Brasil, deixando-o para o seu filho de 5 anos, Pedro de Alcântara, e retornando a Portugal.

O trono vazio trazia novos desafios: a idade do herdeiro impedia que ele assumisse imediatamente seu lugar como imperador do Brasil. Dada esta impossibilidade, governos provisórios foram formados por ministros e conselheiros de Estado até a maioria de D. Pedro II.¹ Iniciava-se, desta forma, o período que chamamos de Regência (1831-1840), época de intensa atividade política em todo o território imperial. A partir daquele momento, o jovem país, tornado independente em 1824, já não seria mais o mesmo: percebe-se,

¹ A Constituição do Império do Brasil estabelecia que o herdeiro só poderia assumir o trono aos 18 anos. Porém, em razão do clima de tensão gerado pelas revoltas regenciais, muitos políticos consideravam fundamental a antecipação de sua maioria. Assim, após diversos acordos, o jovem monarca começou a reinar efetivamente aos 15 anos, sendo chamado de D. Pedro II.

nesses anos, crescente mobilização e ocupação do espaço público, bem como o questionamento e a (re)definição do Estado nacional² brasileiro. Também não podemos esquecer que é momento ímpar para a luta por direitos e exercício da cidadania por diferentes grupos sociais, mesmo aqueles/as excluídos pelo texto constitucional de 1824.

Em sala de aula, nós aqui do Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia (CEF 18), procuramos debater em nossas aulas de História, o longo processo de construção do Estado nacional brasileiro, suas definições e suas exclusões, bem como os diferentes sujeitos envolvidos nesse processo, muitos deles esquecidos e excluídos pela memória social. Afinal, como nossos/as alunos e alunas perceberam ao longo de suas análises, a Constituição de 1824, além de estabelecer a estrutura política do Império e o seu funcionamento, também definia quem era cidadão e quais eram seus direitos, deixando de fora mulheres, indígenas, pessoas negras libertas e escravizadas.

Contudo, mesmo que afastadas da definição legal de cidadão brasileiro e significadas como o “outro”, estas pessoas se envolveram nos debates e embates em torno de distintos projetos de nação e de cidadania ao longo da primeira metade do século XIX. Sujeitos que encontraram nas lutas do período regencial espaços possíveis de atuação e de defesa de suas demandas, daquilo que consideravam direitos. Lutas que podem ser percebidas em movimentos como a *Revolta de*

2 De acordo com o *Dicionário de Conceitos Históricos*, o Estado é uma entidade composta por diversas instituições, de caráter político, que comanda um tipo complexo de organização social. A ele cabe o controle do aparato administrativo, da força e da repressão, bem como a proteção do território e do povo, assim como o estabelecimento da lei e a manutenção da infraestrutura da sociedade. (2009, p. 115-118).

Carrancas (1833), *Cabanagem* (1835-1840), *Revolta dos Malês* (1835), *Sabinada* (1837-1838), *Balaçada* (1838-1841), *Revolta dos Farrapos* (1835-1841) e *Revolta de Manoel Congo* (1838).

Justamente pela riqueza de debates e projetos políticos defendidos nesse período, assim como pelas possibilidades abertas para a discussão do conceito de cidadania a partir de um aprofundamento de seu conhecimento, promovemos entre os estudantes dos 8º anos, no ano de 2022, o estímulo à pesquisa e análise de diferentes registros e linguagens sobre estes movimentos políticos regenciais. Na nossa proposta, o desejo de possibilitar uma reflexão crítica sobre a experiência histórica brasileira e suas aproximações e distanciamentos com o projeto de uma sociedade cidadã.

Junte-se a isso, o incentivo à produção de outras narrativas, que tornassem visíveis as ações, protagonismos, pensamentos, projetos e jogos de poder que informaram a experiência regencial no Brasil. O objetivo era não apenas conhecer estes movimentos e suas motivações, mas interpretar, compreender, estabelecer comparações e confrontos entre diferentes discursos sobre estes. Na leitura do material didático e de outras produções sobre a temática, em uma perspectiva comparativa, a possibilidade de observar as escolhas, os protagonistas, as omissões e os silêncios presentes na produção de conhecimento. A partir disso, nossos/as alunos/as seriam capazes de construir suas próprias narrativas, cientes de que não seriam mais ou menos verdadeiras do que aquelas a que tiveram acesso, mas histórias possíveis, elaboradas a partir de suas escolhas e de registros acerca dos acontecimentos do período regencial.

Foram, ao todo, 36 trabalhos, realizados com 7 (sete) turmas de oitavos anos, ao longo de todo o terceiro bimestre de 2022. Para esta publicação, dada a grande quantidade de HQs elaboradas, foram selecionadas algumas das narrativas produzidas por nossos/as estudantes que você, caro/a leitor/a, terá acesso a partir de agora. **Tempos de luta: histórias do período regencial** é uma tentativa de produzir outras explicações possíveis, inventando novas formas de ser/estar no mundo; desmanchamos imagens consolidadas de heróis da nossa formação como Nação para construirmos outras referências. Alunos e alunas que se comprometeram com o processo de aprendizagem histórica e com a produção do conhecimento histórico escolar, tornando-se agentes deste processo, abrindo espaços para a formação de si como sujeitos.

Como obra coletiva, esta publicação não seria possível sem uma ampla rede de apoio. Gostaria de destacar e agradecer o papel da direção do CEF 18, nas figuras da diretora Elaine Rodrigues Amorim, da vice-diretora Maria Lúcia Bertoli e da supervisora pedagógica Lauene da Silva Lopes Macedo. A realização deste projeto, bem como sua transformação em livro, só foi possível graças ao apoio delas. Elas acreditaram em sua viabilidade e potencialidade, tornando realidade um desejo acalentado por estudantes e professora. À Deise Santana, professora de Língua Portuguesa, pela parceria ao longo destes últimos anos e pela leitura cuidadosa dos originais. Ao agradecê-la, me dirijo também a todos/as os/as colegas de profissão que se empenham por uma educação pública de qualidade. Por fim, à Candida Bitencourt, da Paruna Editorial, pela paciência, profissionalismo e sensibilidade na materialização deste nosso sonho.

Esperamos que a leitura das narrativas aqui presentes descortine outros caminhos e personagens da nossa história, suas lutas e experiências na busca de uma sociedade melhor. E que nos inspirem a construir outros futuros possíveis.

Brasília, 30 de julho de 2023.

Fabiana Macena

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Da lagarta a borboleta: possíveis contribuições do pensamento de Michel Foucault para a pesquisa no campo do Ensino de História. In: RALEJO, Adriana; MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). **Cartografias da pesquisa em ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019. p. 43-60

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Fabiana Francisca Macena é professora de História da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 2017 e atua no Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia desde 2019. É formada em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), além de mestre (2010) e doutora (2015) em História pela Universidade de Brasília (UnB). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (2016) na área de ensino de História.

CARRANCAS

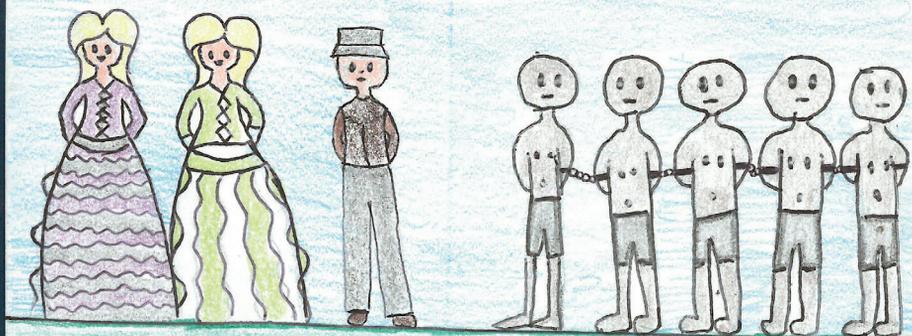
(1833)



OS ESCRAVIZADOS DE CARRANCAS

Por: Ana Clara Barros Pereira Dutra, Arthur Henrique da Rocha e Silva, Esthela Beatriz Ferreira Sampaio e Júlia Beatriz Ferreira dos Santos

A revolta de Carrancas foi uma das rebeliões escravas mais sangrentas da história do sudeste do império brasileiro. Iniciada no começo da tarde do dia 13 de maio de 1833, nas fazendas do Junqueira, resultou na morte de 09 membros da família senhorial, duas pessoas de "cor", um agregado e cinco escravos.



A Revolta de Carrancas foi uma das rebeliões escravas mais sangrentas da história do sudeste do império brasileiro. Iniciada no começo da tarde do dia 13 de maio de 1833, nas fazendas do Junqueira, resultou na morte de 09 membros da família senhorial, duas pessoas de "cor", um agregado e cinco escravos.

O medo de revoltas de escravos era constante entre os proprietários, ainda mais depois da bem sucedida experiência haitiana que em 1804 viu os escravos expulsarem e assassinarem seus algozes e estabelecerem seu governo.



O medo de revoltas de escravos era constante entre os proprietários, ainda mais depois da bem sucedida experiência haitiana que em 1804 viu os escravos expulsarem e assassinarem seus algozes e estabelecerem seu governo.

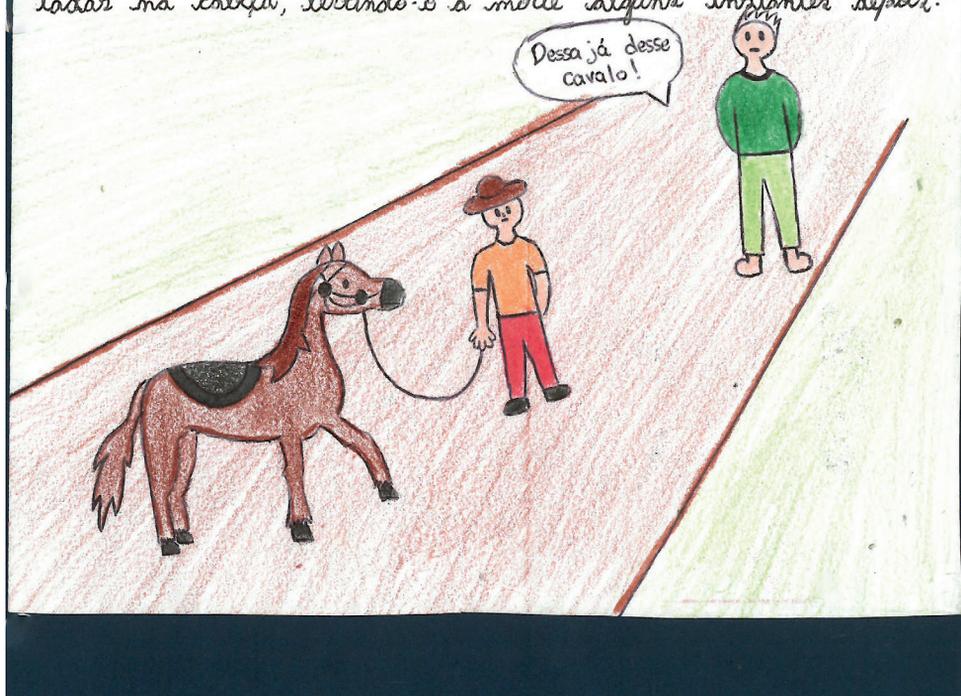
- Temos que tomar mais cuidado em relação aos escravos.
- Concordo com o senhor!

A tarde do dia 13 de maio de 1833 seria fatídica e traçaria um novo rumo para alguns escravos das fazendas da família Junqueira. A fazenda Campo Alegre estava sob a responsabilidade do filho do deputado, Gabriel Francisco de Andrade Junqueira, que, na ausência do pai, conduzia todos os negócios da fazenda, além de supervisionar o trabalho dos escravos. Naquele dia, seu pai se encontrava na Corte, cuidando de suas funções no parlamento nacional. Antes do meio-dia, como de costume, foi até a roça fiscalizar o trabalho de seus escravos.



A tarde do dia 13 de maio de 1833 seria fatídica e traçaria um novo rumo para alguns escravos das fazendas da família Junqueira. A fazenda Campo Alegre estava sob a responsabilidade do filho do deputado Gabriel Francisco de Andrade Junqueira, que, na ausência do pai, conduzia todos os negócios da fazenda, além de supervisionar o trabalho dos escravos. Naquele dia, seu pai se encontrava na Corte, cuidando de suas funções no parlamento nacional. Antes do meio-dia, como de costume, foi até a roça fiscalizar o trabalho de seus escravos.

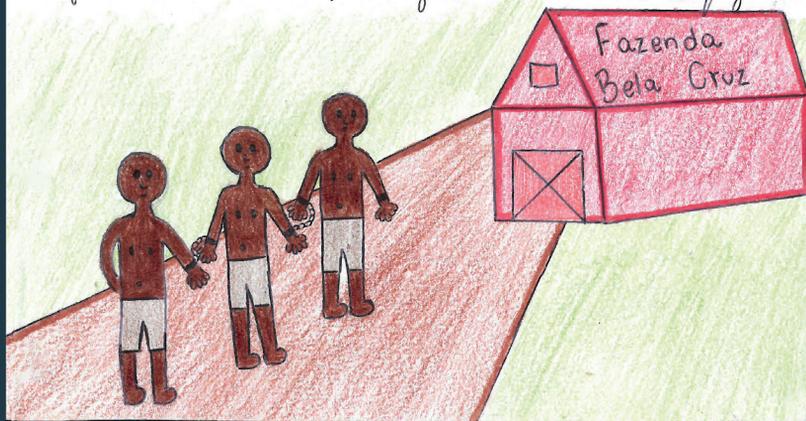
Como sempre fazia, solicitou a um cativo da casa que arriasse o seu cavalo, montou-o e seguiu em direção à roça. Ao chegar, nada percebeu de estranho e, como sempre, encontrou os escravos preparando a terra, cuidando das lavouras de milho e feijão, dentre outras. A tranquilidade era apenas aparente. Sem condições de oferecer nenhuma reação, ainda montado em seu cavalo, Gabriel Francisco foi surpreendido por Ventura Mina, que o retirou à força de cima do animal, e, juntamente, com Julião e Domingos, deram-lhe várias porretadas na cabeça, levando-o à morte alguns instantes depois.



— Desce já desse cavalo!

Como sempre fazia, solicitou a um cativo da casa que arriasse do seu cavalo, montou-o e seguiu em direção à roça. Ao chegar, nada percebeu de estranho e, como sempre, encontrou os escravos preparando a terra, cuidando das lavouras de milho e feijão, dentre outras. A tranquilidade era apenas aparente. Sem condições de oferecer nenhuma reação, ainda montado em seu cavalo, Gabriel Francisco foi surpreendido por Ventura Mina, que o retirou à força de cima do animal e, juntamente com Julião e Domingos, deram-lhe várias porretadas na cabeça, levando-o à morte alguns instantes depois.

Depois de deixarem a fazenda Campo Alegre, os escravos, liderados por Ventura Mina, seguiram para a fazenda Bela Cruz que ficava, aproximadamente, uma légua de distância da de Campo Alegre. Ao chegarem, na sede da Bela Cruz, os escravos relataram aos outros escravos o que ocorrera em Campo Alegre, convocando-os a fazer o

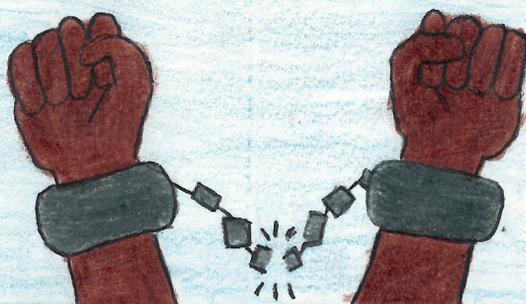


mesmo com os brancos dali. A partir daquele momento o grupo se ampliou bastante, ultrapassando o número de 30 cativos, que logo se dirigiu à sede da fazenda. Para os escravos, representou uma tentativa desesperada e arriscada na busca da liberdade, com consequências também terríveis para dezenas deles.

Depois de deixarem a fazenda Campo Alegre, os escravos, liderados por Ventura Mina, seguiram para a fazenda Bela Cruz que ficava, aproximadamente, uma légua de distância da de Campo Alegre, convocando-os a fazer o mesmo com os brancos dali. A partir daquele momento o grupo se ampliou bastante, ultrapassando o número de 30 cativos, que logo se dirigiu à sede da fazenda.

Para os escravos, representou uma tentativa desesperada e arriscada na busca da liberdade, com consequências também terríveis para dezenas deles.

A movimentação dos escravos de Minas Gerais mostra a revolta com os senhores escravos e com o trabalho compulsório.



A movimentação dos escravos de Minas Gerais mostra a revolta com os senhores de escravos e com o trabalho compulsório.

Homens e mulheres que foram escravizados lutaram pelo fim da exploração da sua força de trabalho e de suas vidas.



Homens e mulheres que foram escravizados lutaram pelo fim da exploração da sua força de trabalho e de suas vidas.

— Eu exijo direitos iguais!

— Eu exijo meus direitos como mulher.

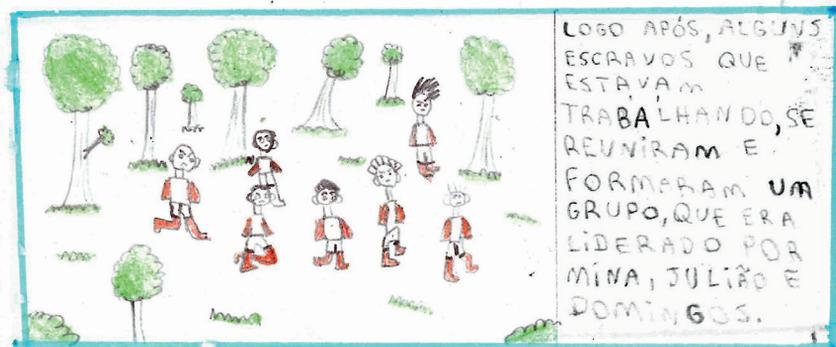
Os rebeldes de Carrancas foram severamente punidos. Dezesseis foram condenados à pena de morte por enforcamento e executados em praça pública com cortejo da Irmandade da Misericórdia, na Vila de São João del-Rei.



Os rebeldes de Carrancas foram severamente punidos. Dezesseis foram condenados à pena de morte por enforcamento e executados em praça pública com cortejo da irmandade da misericórdia, na Vila de São João del-Rei.

REVOLTA DE CARRANCAS

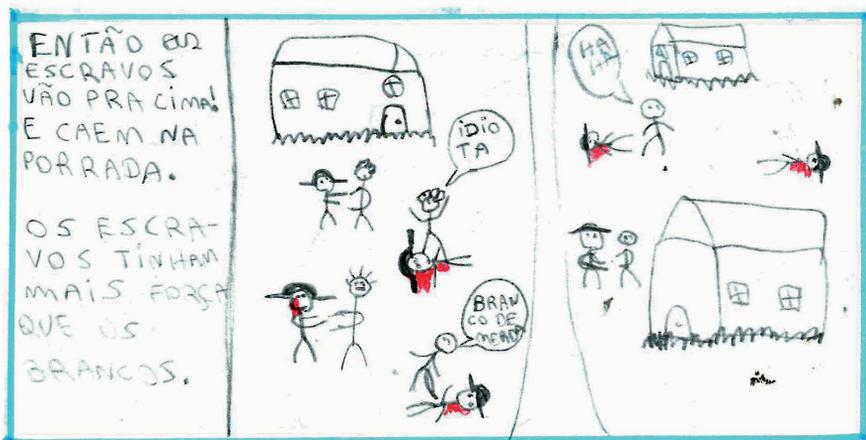
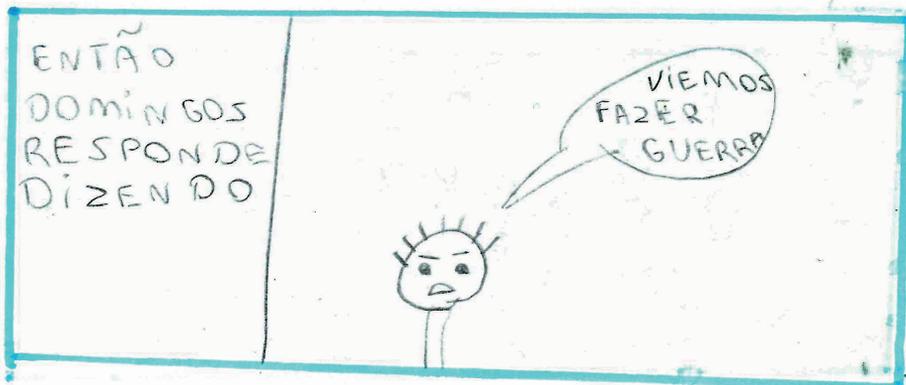
Por: Rian Dantas de Souza, Júlia Silva Oliveira, Ananda Luise Ramos da Costa e Luís Eduardo Maciel de Santana dos Anjos



Essa revolta começa quando Gabriel Francisco foi derrubado de seu cavalo e sendo morto por Mina, Julião e Domingos.

Logo após, alguns escravos que estavam trabalhando, se reuniram e formaram um grupo, que era liderado por Mina, Julião e Domingos.

Ali está prestes a acontecer uma guerra entre brancos e escravos. Os brancos usavam chapéus.

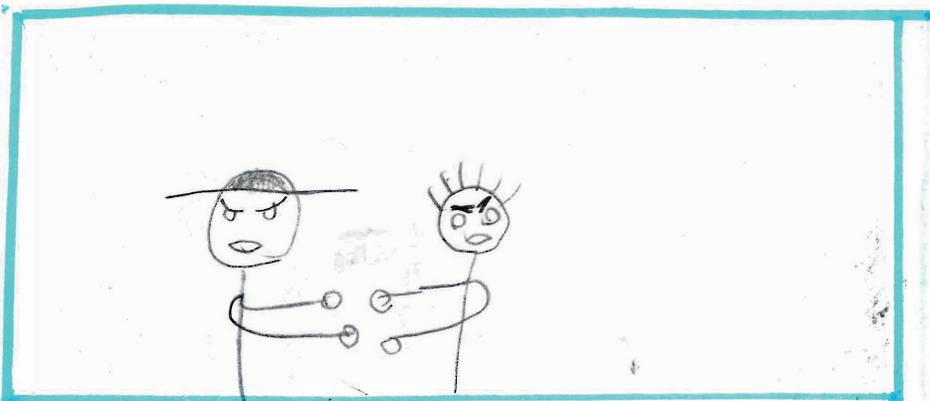


Até que um branco fala... — O que fazem aqui escravos? – Fala José Francisco.

Então Domingos responde dizendo: — Viemos fazer guerra.

Então os escravos vão pra cima! E caem na "porrada".

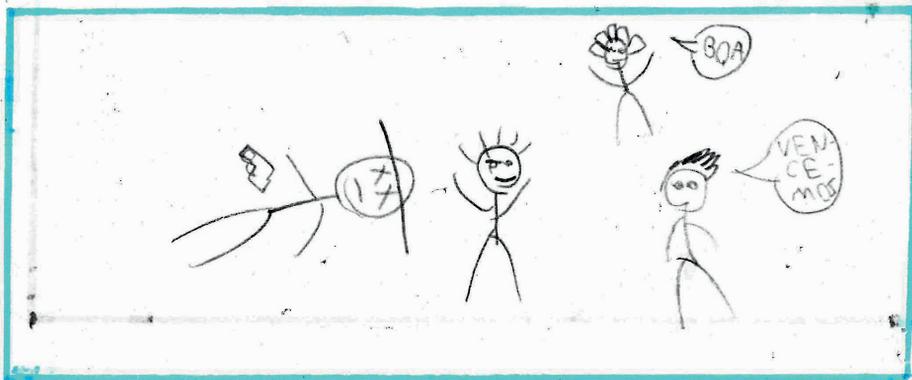
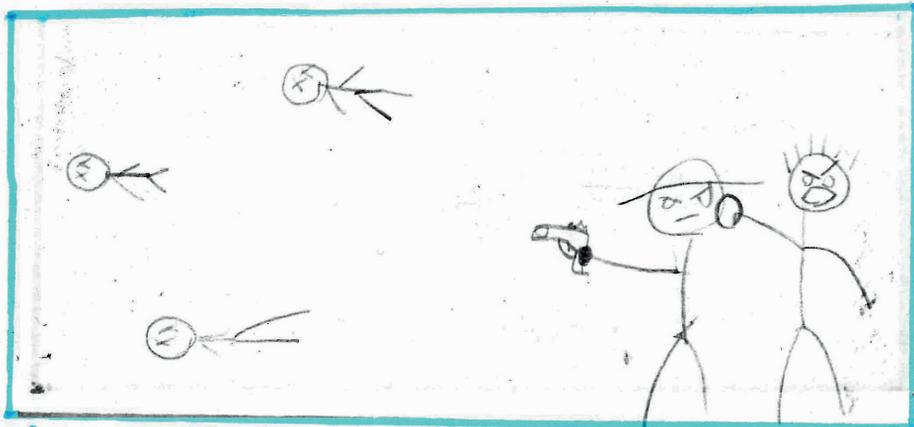
Os escravos tinham mais forças que os brancos.



— Toma José Francisco. Morra!

Um tempo depois...

— Sobrou apenas eu... vou puxar minha arma, morram!



E NO FIM DES-
SA REVALTA
SOBROU APENAS
MINA, DOMINGOS E
JULIÃO
VIVOS.

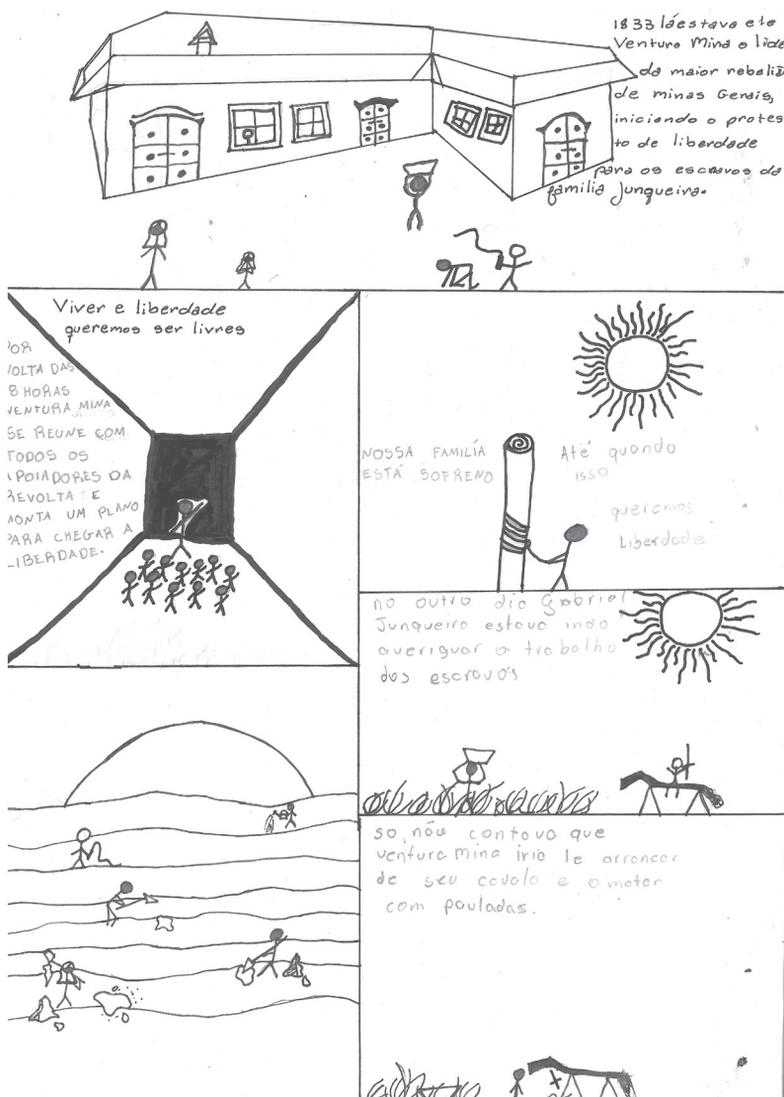
E CADA
UM TOMOU
RUMOS
DIFEREN-
TES.
FIM

E no fim dessa revolta sobrou apenas Mina, Domingos e Julião vivos.

FIM.

CARRANCAS

Por: João Gabriel Vieira da Silva Araújo, Maria Luísa Teixeira Arêdes Lopes



1833 lá estava ele, Ventura Mina, o líder da maior rebelião de Minas Gerais, iniciando o protesto de liberdade para os escravos da família Junqueira.

Viver e liberdade – queremos ser livres. Por volta das 8 horas, Ventura Mina reúne todos os apoiadores da revolta e monta um plano para chegar à liberdade.

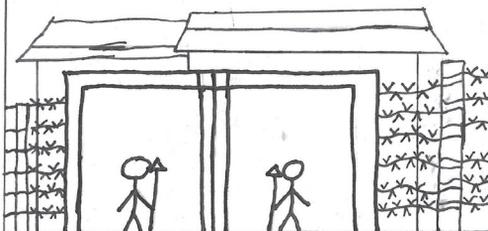
— Nossa família está sofrendo. Até quando isso? Queremos liberdade.

No outro dia Gabriel Junqueira estava indo averiguar o trabalho dos escravos. Só não contava que Ventura Mina iria lhe arrancar de seu cavalo e o matar com pauladas.

com o plano
só em prática
os escravos
se encaminharam
para a fazenda
de Francisco
Junqueira

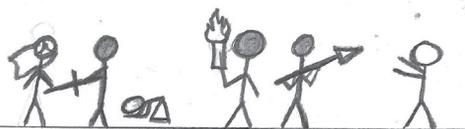
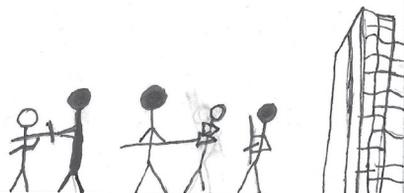


Chegando lá encontraram dois
capitães do mato



Ventura Mina deu a ordem
de matar todos então
assim iniciou o massacre

Quando eles entram na
fazenda começaram a
matar todos os brancos
e partiram para casa



Já dentro da casa Ventura
mina mata Francisco e os
outros
escravos
abusaram
das mulheres
brancas

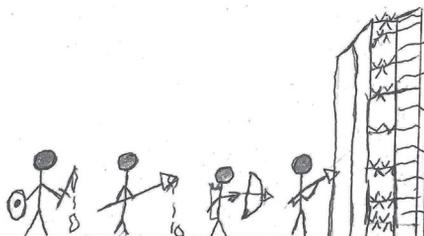
Saindo da fazenda os escravos
fizeram uma emboscada
pra pegar o genro de
Francisco e o matarem



Com o plano já em prática os escravos se encaminharam para a fazenda de Francisco Junqueira. Chegando lá encontraram dois capitães do mato. Ventura Mina deu a ordem de matar todos, então assim iniciou o massacre. Quando eles entraram na fazenda começaram a matar todos os brancos e partiram para a casa. Já dentro da casa, Ventura Mina mata Francisco e os outros escravos abusaram das mulheres brancas.

Saindo da fazenda os escravos fizeram uma emboscada para pegar o genro de Francisco e o matarem.

Então os escravos partem para a casa principal dos Junqueiras



Só não contavam que dentro da fazenda João Candido Junqueira já sabia sobre a rebelião e tinha



armado seus homens e escravos



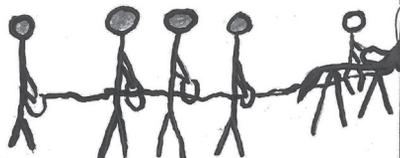
E assim iniciou o massacre



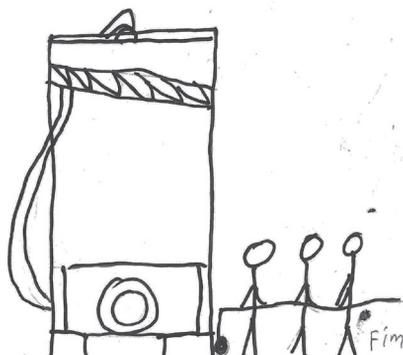
Ventura é morto por João Candido Junqueira.



Logo depois os escravos são dominados e presos para serem levados ao julgamento



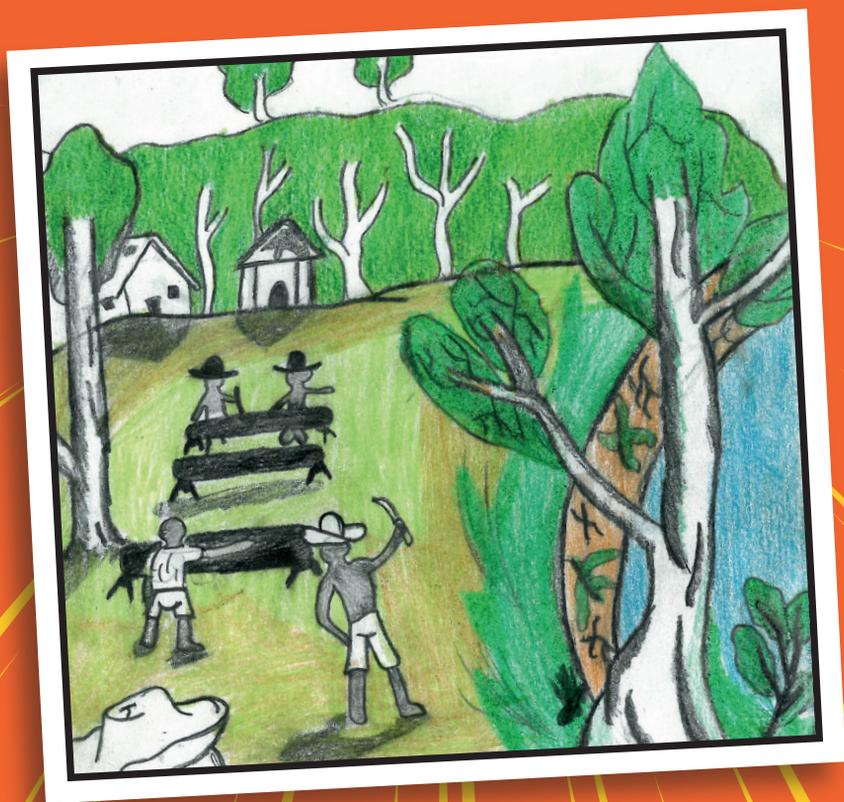
Após o julgamento eles são levados à guilhotina



Então os escravos partem para a casa principal dos Junqueiras. Só não contavam que dentro da fazenda, João Candido Junqueira já sabia sobre a rebelião e tinha armado seus homens e escravos. E assim iniciou o massacre. Ventura é morto por João Candido Junqueira. Logo depois, os escravos são dominados e presos para serem levados ao julgamento. Após o julgamento eles são levados à guilhotina.

CABANAGEM

(1835-1840)



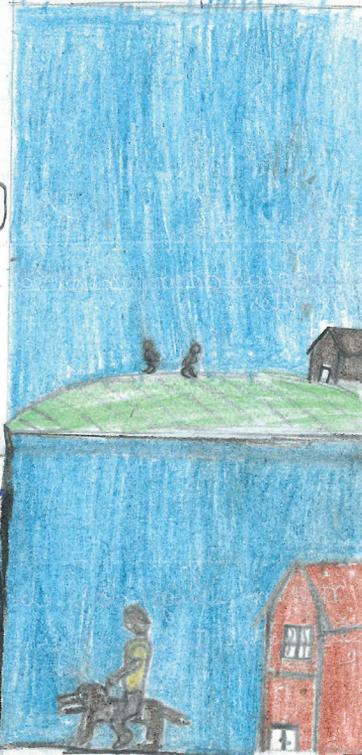
CABANAGEM

Por: Rafael Cristhyan Silveira Alves Fernandes, Vinícius Miguel Lima de Oliveira, Ian Cléber Sousa de Oliveira e Geovane Barbosa dos Santos

A Revolta da cabanagem se iniciou em Grão-Pará em 1835. Um dos motivos era a péssima condição de vida.



Péssimas condições de vida.



Mesmo depois da traição a cabanagem ficou de pé.



Resistindo até 1840 e morrendo 40% da população.



2º capítulo
Participação
da
mulher

A Revolta da Cabanagem se iniciou em Grão-Pará, em 1835. E um dos motivos era a péssima condição de vida. Mesmo depois da traição a Cabanagem ficou de pé. Resistindo até 1840 e morrendo 40% da população.

2º capítulo: Participação da mulher.

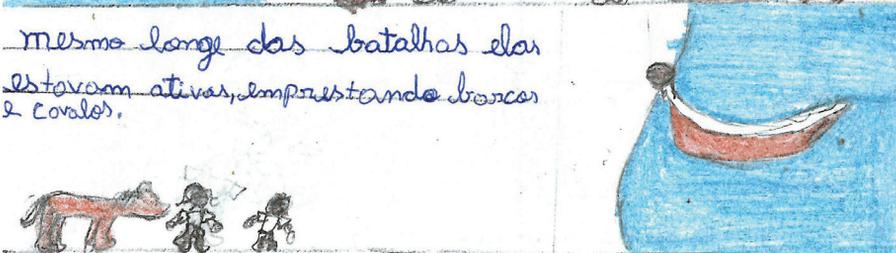
Muitas das mulheres participaram da revolta.



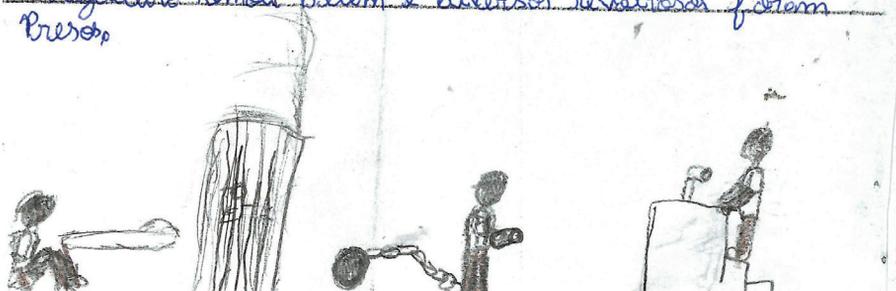
Esposas acompanharam os seus maridos...



Mesmo longe das batalhas elas estavam ativas, emprestando barcos e cavalos.



Brigadeiro tomou Belém e diversos revoltosos foram presos.

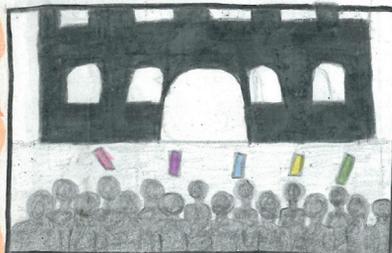


Muitas das mulheres participaram da revolta. Esposas acompanharam os seus maridos... Mesmo longe das batalhas elas estavam ativas, emprestando barcos e cavalos. Brigadeiro tomou Belém e diversos revoltosos foram presos.

REVOLTA DOS CABANOS

Por: Nicolly Ferreira Lustosa Silva, Victor Alves de Oliveira, Alessandra dos Anjos Batista Gonçalves e Anndry Tatielle Nunes Pereira

O que foi a cabanagem? foi uma revolta que aconteceu entre os anos de 1835 a 1840 na província do Grão-Pará, onde hoje é o Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia. Certas pessoas chamadas de cabanos, que eram pobres, negros, índios, brancos e mestiços lutaram contra o governo em busca dos seus direitos e igualdades.



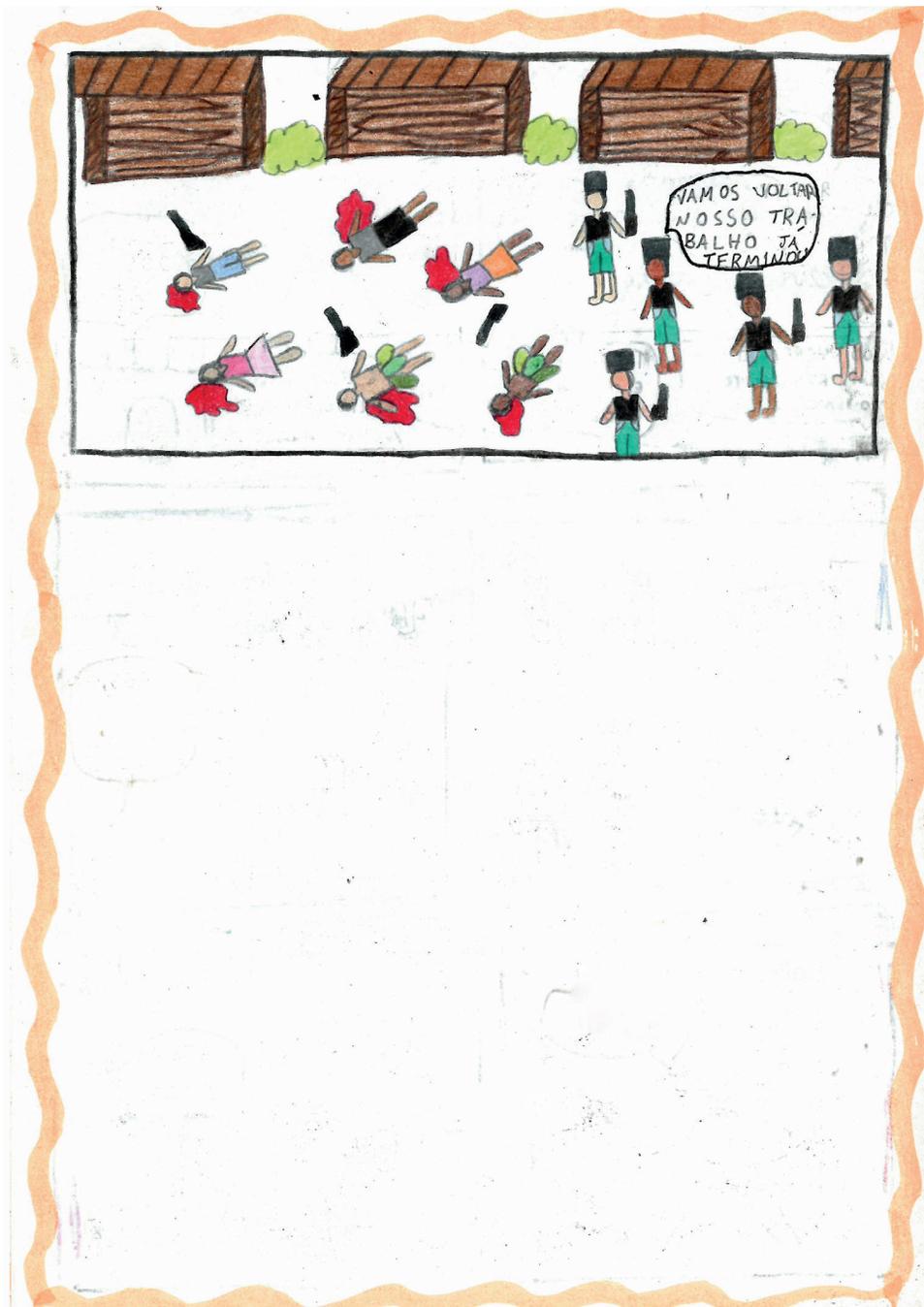
O que foi a Cabanagem? Foi uma revolta que aconteceu entre os anos de 1835 a 1840, na província do Grão-Pará, onde hoje é o Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia. Certas pessoas chamadas de cabanos, que eram pobres, negros, índios, brancos e mestiços lutaram contra o governo em busca dos seus direitos e igualdades. — Nós queremos um bom presidente de província! Terras para plantar e o fim da escravidão. E igualdade principalmente para as mulheres. — Não se preocupem, eu cuidarei de vocês. — Eu não consigo lidar com tanta gente, preciso sair daqui como os outros líderes. — Mais um líder nos decepcionou, agora iremos lutar e conquistar Belém.



- Nós não aceitaremos essa República.
- Vamos enviar a força militar a Grão-Pará e acabar com isso.
- Sim senhor!



- Vamos sair daqui.
- Desçam todos e vão atrás deles!
- Senhor, achamos eles.
- Matem todos.



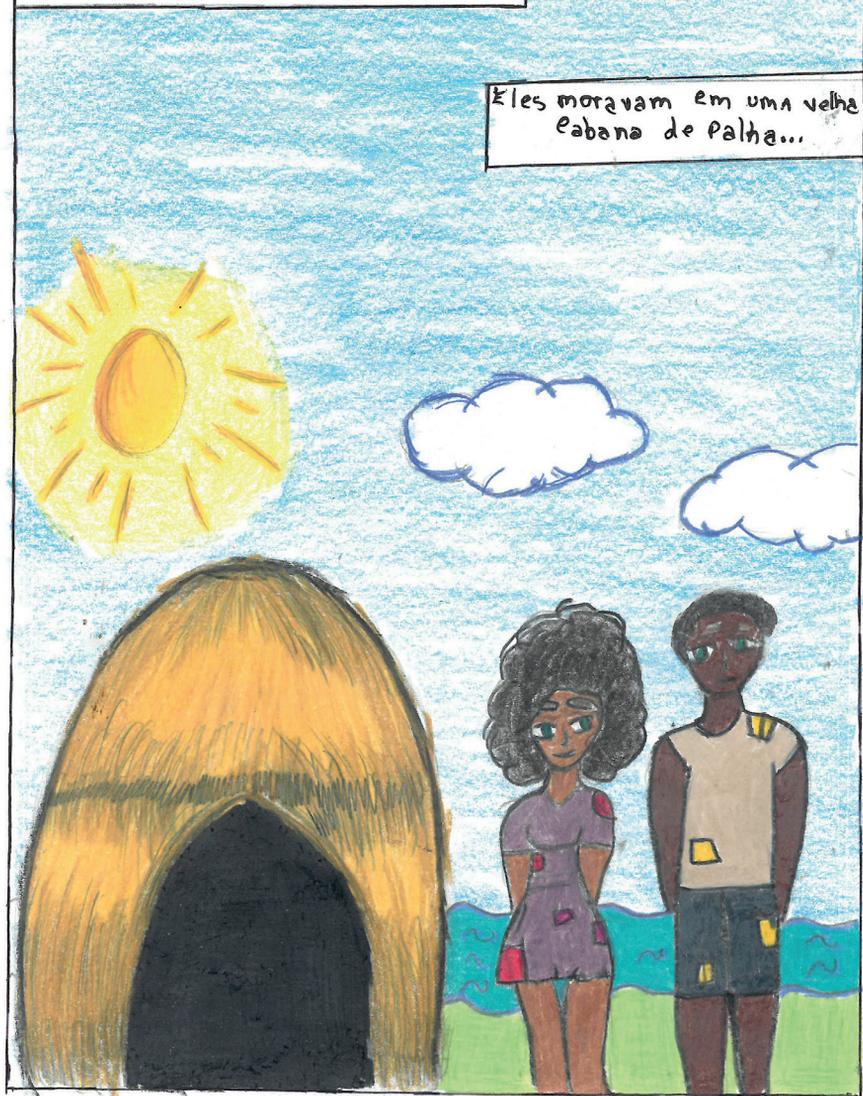
— Vamos voltar, nosso trabalho já terminou.

A CABANAGEM

Por: Maria Eduarda Marques Silva, Maria Clara da Silva Santos e Erika Luiza Miranda Santos

Maria, era filha de uma curandeira, que morreu de lepra aos 30 anos e desde então foi criada pelo pai.

Eles moravam em uma velha cabana de palha...



Maria era filha de uma curandeira, que morreu de lepra aos 30 anos e, desde então, foi criada pelo pai.

Eles moravam em uma velha cabana de palha...

Maria sempre sonhou em dar uma vida melhor para os seus pais, e sempre quis a liberdade de seu pai por ser escravo. Até que um dia...

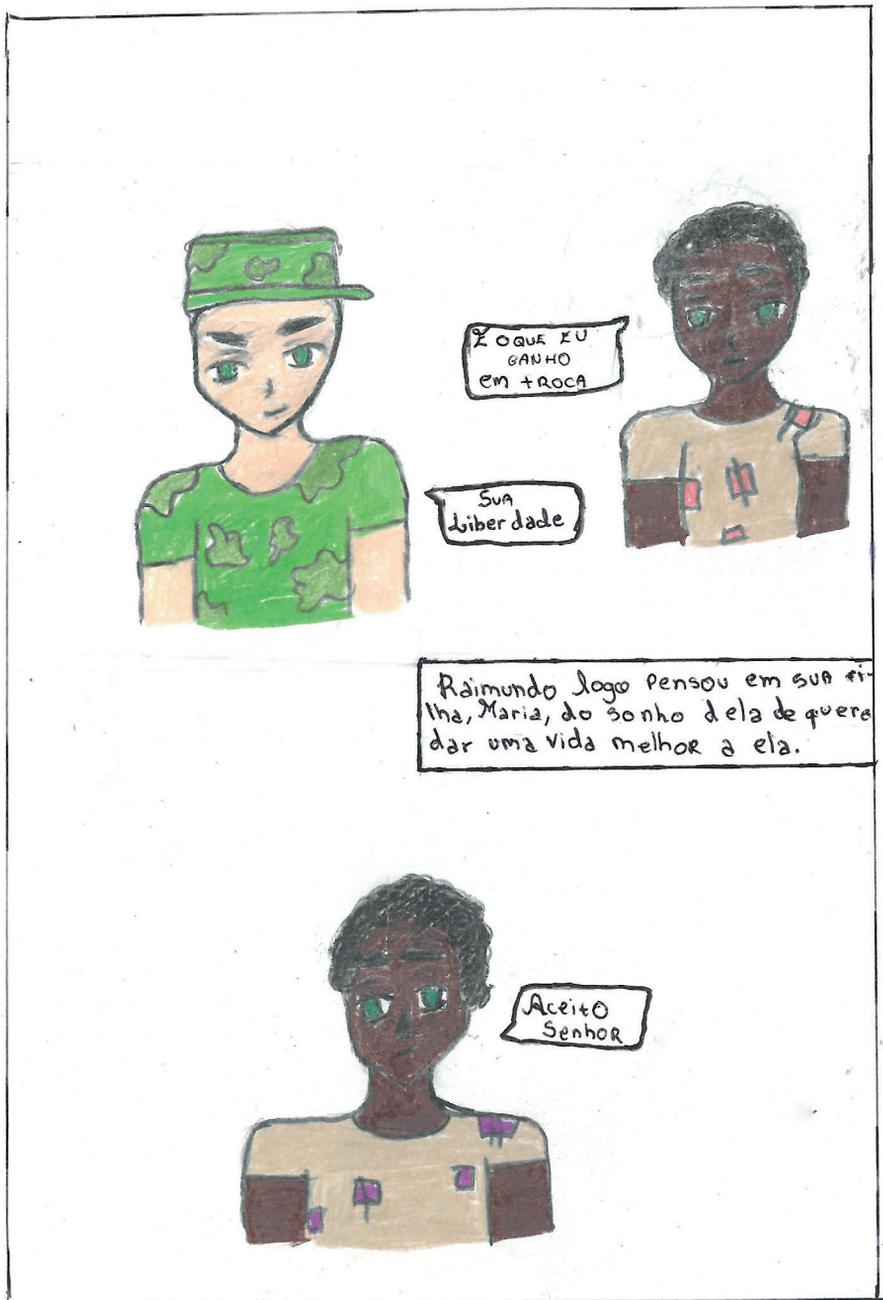


— Liberdade... – Maria sempre sonhou em dar uma vida melhor para os seus pais, e sempre quis a liberdade de seu pai por ser escravo. Até que um dia...

— E! Você.

— Sim senhor.

— Quer ir representar o Grão-Pará em uma guerra?



— E o que eu ganho em troca?

— Sua liberdade.

Raimundo logo pensou em sua filha, do sonho dela, de querer dar uma vida melhor a ela.

— Aceito, senhor.

Chegando em casa ele contou a notícia para a filha, e explicou para ela. A filha ficou tensa mas ao mesmo tempo ficou feliz pois seria uma opção de liberdade.

A guerra aconteceu em 1835 até 1840; foi uma revolta iniciada a partir das inquietações da elite e população que se deu por causa do governo da época.

Que prevalecia as principais cidades do Brasil, e cidades pequenas como Grão-Pará eram deixadas de lado.



Chegando em casa ele contou a notícia para a filha e explicou para ela. A filha ficou tensa mas ao mesmo tempo ficou feliz pois seria uma opção de liberdade.

A guerra aconteceu em 1835 até 1840; foi uma revolta iniciada a partir das inquietações da elite e população que se deu por causa do governo da época. Que prevalecia as principais cidades do Brasil e cidades pequenas como Grão-Pará eram deixadas de lado.

Cinco anos depois



Maria ficou super ansiosa. Até que um dia um mensageiro bateu em sua porta e entregou uma carta a ela



Cinco anos depois.

Maria ficou super ansiosa. Até que um dia um mensageiro bateu em sua porta e entregou uma carta a ela.



DE: Raimundo José do nascimento
PARA: Maria do nascimento
Grão Pará - Cabana 8, Vila D

Minha Filha querida,
Se caso você receber essa carta saiba que eu tentei, eu tentei mesmo voltar para cuidar de você. Mas lutei até o fim, por você, saiba que você não está sozinha, estou te olhando daqui de cima com sua mãe e cuidando de você!

Não perca seu brilho nunca, nem essa mente brilhante, que sempre me fez seguir em frente. Sempre lembre que você é e sempre foi o orgulho meu e de sua mãe, e que você é um pontinho de luz, de fé, no meio disso tudo. Tu é raridade e não se iguala!

Quando sua única alternativa for ser forte e der vontade de chorar, chore, e se der vontade de parar, pare, mas apenas para pegar impulso pra continuar.

E eu ainda sei que você vai conquistar o mundo Minha garotinha!

do seu Amado Pai

Eu sinto muito eu tentei.

Minha filha querida, se caso você receber essa carta saiba que eu tentei, eu tentei mesmo voltar para cuidar de você. Mas lutei até o fim, por você, saiba que você não está sozinha, estou te olhando daqui de cima com sua mãe e cuidando de você!

Não perca seu brilho nunca, nem essa mente brilhante, que sempre me fez seguir em frente. Sempre lembre que você é e sempre foi o orgulho meu e de sua mãe, e que você é um pontinho de luz, de fé, no meio disso tudo. Tu é raridade e não se iguala! Quando sua única alternativa for ser forte e der vontade de chorar, chore, e se der vontade de parar, pare, mas apenas para pegar impulso pra continuar. E eu ainda sei que você vai conquistar o mundo minha garotinha!

De seu amado pai. Eu sinto muito, eu tentei.



É necessário finais tristes
para o
Reconhecimento.

É necessário finais tristes para o reconhecimento.

MAËS

(1835)



REVOLTA DOS MALÊS

Por: Gabriel Evangelista de Oliveira, Yasmin Vieira Câmara, Maria Luiza Vieira dos Santos e João Miguel Siqueira Lima

A Revolta dos Malês... Pera quem são os Malês? Tudo o que sabemos são que eram muçulmanos, e que eram bilíngues, escravizados e que faziam parte de um dos três maiores grupos chamado lorubá.



A Revolta dos Malês... Pera quem são os Malês? Tudo o que sabemos é que eram muçulmanos e que eram bilíngues, escravizados e que faziam parte de um dos três maiores grupos, chamado lorubá.

• Foi esse grupo que causou a revolta, que ficou conhecida como a revolta dos Malês e essa revolta teve como principais líderes - Pacífico Licutan, Lhuna, Manoel Calajaste - seguiam o culto Malês, uma religião mista, composta de elementos africanos e muçulmanos contidos no Alcorão.



E foi esse grupo que causou a revolta, que ficou conhecida como a Revolta dos Malês e essa revolta teve como principais líderes: Pacífico Licutan, Lhuna, Manoel Calajaste. Seguiam o culto Malês, uma religião mista composta de elementos africanos e muçulmanos contidos no Alcorão.

Mas nem todos os rebeldes eram Malês, muitos praticavam outras religiões e só participaram da revolta movidos pela esperança de uma vida melhor.



Mas nem todos os rebeldes eram Malês, muitos praticavam outras religiões e só participavam da revolta movidos pela esperança de uma vida melhor.

Os afrodescendentes, escravos ou libertos, eram explorados no trabalho, desprezados por sua cor e perseguidos por causa de suas religiões.



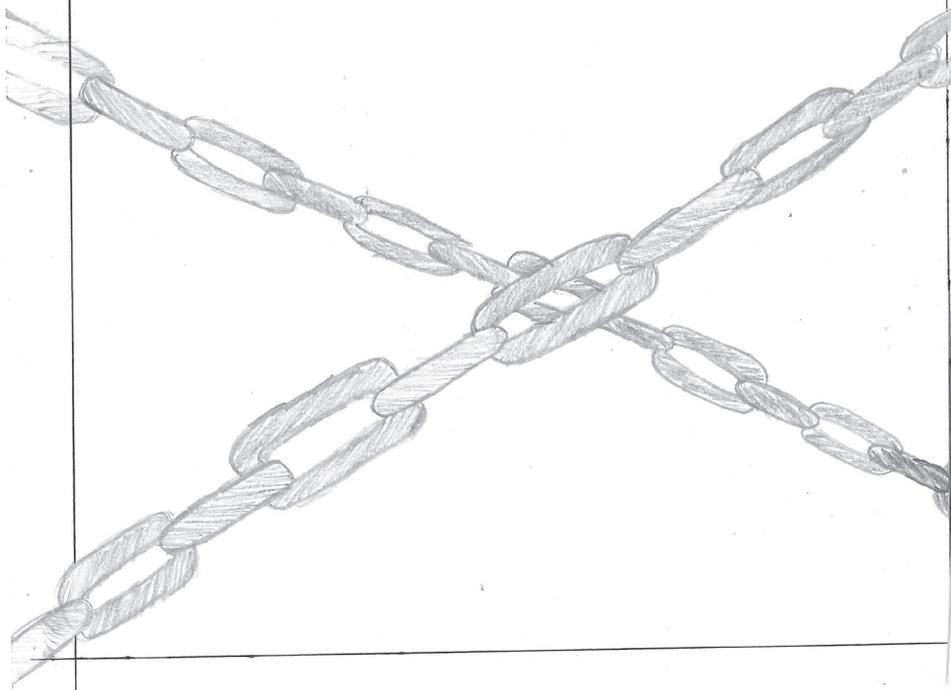
Os afrodescendentes, escravos ou libertos, eram explorados no trabalho, desprezados por sua cor e perseguidos por causa de suas religiões.

mas com tudo isso os rebeldes escravizados tiveram que deixar de lado as suas diferenças de cultura e lutar contra seus opressores



Mas, com tudo isso, os rebeldes escravizados tiveram que deixar de lado as suas diferenças de cultura e lutar contra seus opressores.

e a partir daí, os rebeldes foram lutar durante a madrugada no dia 25 de janeiro de 1835 para conquistar o governo da Bahia e pôr um fim à exploração e ao racismo. Com espadas, facas e lanças enfrentaram soldados do governo que estavam armados com pistolas e garruchas. E como era de se esperar, foram vencidos.



E, a partir daí, os rebeldes foram lutar durante a madrugada no dia 25 de janeiro de 1835, para conquistar o governo da Bahia e pôr um fim à exploração e ao racismo. Com espadas, facas e lanças, enfrentaram soldados do governo que estavam armados com pistolas e garruchas. E como era de se esperar, foram vencidos.

Depois de vencer a polícia baiana, considerou criminoso todo e qualquer objeto encontrado com os rebeldes. E assim vários africanos foram libertos e mandados ao seu lugar de origem (como Lagos, na Nigéria e Daomé).



Depois de vencer, a polícia baiana considerou criminoso todo e qualquer objeto encontrado com os rebeldes. E assim vários africanos foram libertos e mandados ao seu lugar de origem (como Lagos, na Nigéria e Daomé).

REVOLTA DOS MALÊS

Por: Yago Gabriel Rodrigues da Silva, Felipe Antônio Pastana Almada e Vichor Gabriel Souza dos Reis



— Vou criar meu próprio regime e abolir a escravidão e o racismo!! Chega de ser tratado assim, que nem lixo. Preciso de um exército, mas todos estão presos.

(Libertando)

— HELP!



perdemos!!

- Pronto!
- Estão fugindo pelo mar!?!
- PERDEMOS!!
- Sério isso?

HISTÓRIA DOS MALÊS

Por: Kerollen Keize Silva Araújo e Victor Gomes Werneck Marques



— Oh Deus, falta quanto pela minha liberdade? Me dê mais força, estou tão cansado. Esse trabalho não é pra mim. Eu quero ser livre. Ontem apanhei, sendo que fiz tudo que precisava, trabalhei o dia todo. Nós queremos essa liberdade. A gente precisa ser livre. Vocês não podem mandar na gente.

— O que vamos fazer? A gente vai lutar amanhã, então se prepara. Amanhã iremos lutar pela nossa liberdade. Vai morrer gente mas precisamos disso pela nossa liberdade.



- E agora, pega as suas facas e suas armas e vamos para cima deles pela conquista da nossa liberdade.
- Talvez nós vamos se ver pela última vez, vamos lutar pela nossa família e pelo nosso futuro, do nosso filho e pela liberdade deles de ir e vir.
- Corre, corre pra cima deles pela nossa liberdade. Vamos, vamos tentar pegar eles de surpresa.
- Isso é pela nossa liberdade!

ATIRA NELES AGORA
MATA ELES ESSE NEGROS
TEM QUE MORRE
VOCÊS NUNCA VÃO
SER LIVRE NUNCA!
HAHAHA.

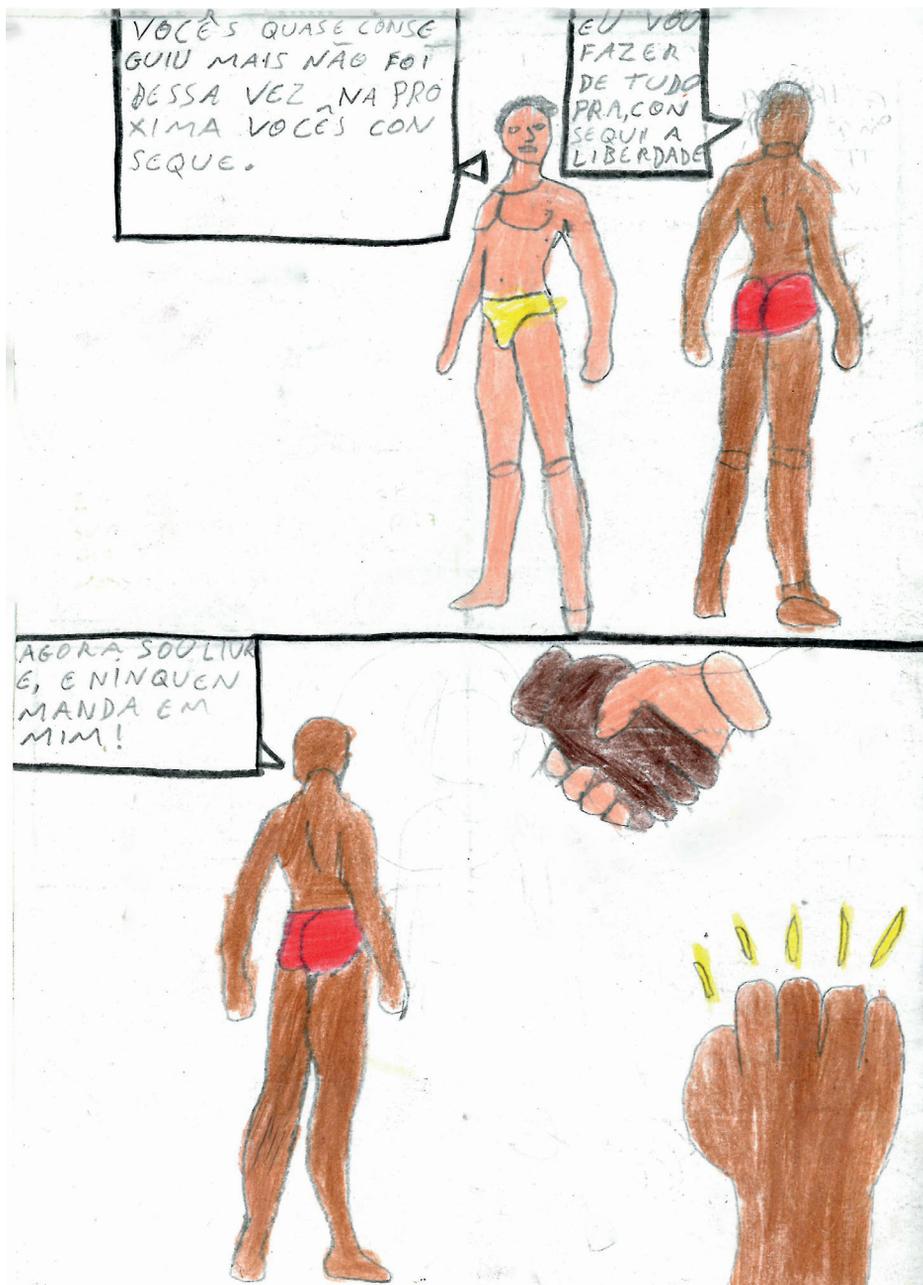


Sim SENHOR



— Atira neles. Agora mata eles, esses negros tem que morrer e vocês nunca vão ser livres, nunca!
Ha Ha Ha

— Sim, senhor!



- Vocês quase conseguiram mas não foi dessa vez, na próxima vocês conseguem.
- Eu vou fazer de tudo pra conseguir a liberdade.
- Agora sou livre e ninguém manda em mim!

SABINADA

(1837-1838)



A REVOLTA DA SABINADA

Por: Erick Alexandre de Souza Ramos, Yago Borges dos Santos, Thayline Araújo Alves, Kauã Antunes Vaz e Ruan Antunes Vaz



- Franciscoll!
- O que vocês querem? Por que vocês estão tão revoltados?
- Nós queremos autonomia política para defender a instituição federalismo republicano.



Soldados negros também estavam revoltados, pois na época, soldados brancos eram tratados melhores. Então os homens negros que eram soldados lutaram pela igualdade.

- Eu concordo, somos tratados com muita desigualdade.
- Eu entendo, vamos fazer uma revolta pela igualdade. Quem é que está comigo?
- EU!!!



4 meses se passaram
os rebeldes não receberam mais apoio, não
puderam mais sair da área urbana.
Em 1838 o governo fechou a cidade assim
parando os rebeldes, Escalando com a
Revolta. Cerca de 1.600 pessoas morreram
nos combates, três líderes foram executados.

4 meses se passaram. Os rebeldes não receberam mais apoio, não puderam mais sair da área urbana. Em 1838 o governo fechou a cidade assim parando os rebeldes. Cerca de 1.600 pessoas morreram nos combates. Três líderes foram executados.

Os rebeldes que foram capturados foram julgados, eles foram punidos com muita crueldade, conhecido como Jura de Sangue.



Os rebeldes que foram capturados foram punidos com muita crueldade, conhecido como Jura de Sangue.

- Agora vocês vão ser torturados até morrer! Vão pagar pelo seu ato.
- Hum, não tenho medo da morte!
- Vão pagar caro por todo dano causado. Eu vou matar todos vocês!!!
- Ai! Ai! Ai!
- Ha ha ha que divertido!

No fazenda.

Jacalina. Francisco Sabinada passou seus últimos dias nesta fazenda.



Resumo
Sabinada foi uma revolta, que aconteceu na Bahia, em 6 de setembro de 1837 a 16 de março de 1838. Isso aconteceu na época do Brasil imperial. O responsável pela revolta foi o jornalista e médico Francisco Sabinada e o outro responsável foi o advogado João Carneiro da Silva.

budorian

— Droga, não imaginei que ia terminar assim.

Resumo: Sabinada foi uma revolta que aconteceu na Bahia, em 6 de setembro de 1837 a 16 de março de 1838. Isso aconteceu na época do Brasil imperial. O responsável pela revolta foi o jornalista e médico Francisco Sabinada e o outro responsável foi o advogado João Carneiro da Silva.

Escritores: Erick, Yago, Thayline, Kauã, Ruan

SABINADA

Por: Jhuly Karolayne Mattos Araújo, Anah Kemilly Costa Santana,
Samyra Vitória da Silva Santos e Kaylane Leal Bezerra



Em 6 de novembro de 1837 na Bahia houve um conflito chamado **SABINADA**

O contexto era de tensões no interior das elites e de conflitos que opunham senhores, escravizados e outros.



Em 6 de novembro de 1837, na Bahia, houve um conflito chamado Sabinada. O contexto era de tensões no interior das elites e de conflitos que opunham senhores, escravizados e outros.

A principal causa da revolta foi a insatisfação com as autoridades nomeadas pelo governo da Bahia.



Para muitos deles, a Constituição de 1824 ter estabelecido que todo cidadão poderia ser admitido aos cargos públicos e outros, sem outra diferença que não seja suas virtudes e talentos, na prática havia outras diferenças.



A principal causa da revolta foi a insatisfação com as autoridades nomeadas pelo governo da Bahia.

Para muitos deles, a Constituição de 1824 ter estabelecido que todo cidadão poderia ser admitido aos cargos públicos e outros, sem outra diferença que não fossem suas virtudes e talentos, na prática haviam outras diferenças.

Por isso, defendiam a efetiva igualdade de direitos entre os cidadãos brasileiros, independentemente da cor.



A Sabinada teve início quando alguns militares e civis se encaminharam para o Forte de São Pedro, em 6 de novembro de 1837.



Por isso, defendiam a efetiva igualdade de direitos entre os cidadãos brasileiros, independente de cor.

— Igualdade de direitos!

A Sabinada teve início quando alguns militares e civis se encaminharam para o Forte de São Pedro, em 6 de novembro de 1837.

Ao contrário da revolta dos Malês, na Sabinada eram os descendentes de africanos, sobretudo aqueles nascidos livres que estavam entre os protagonistas.



Ao contrário da revolta dos Malês, na Sabinada eram os descendentes de africanos, sobretudo aqueles nascidos livres, que estavam entre os protagonistas.

○ ataque ao forte deu início a um confronto violento que resultou na conquista dele pelos que se rebelaram.



O ataque ao forte deu início a um confronto violento que resultou na conquista dele pelos que se rebelaram.

A Sabinada Foi derrotada em 1838.
Durante o combate, casas foram incendiadas.



A Sabinada foi derrotada em 1838. Durante o combate, casas foram incendiadas.

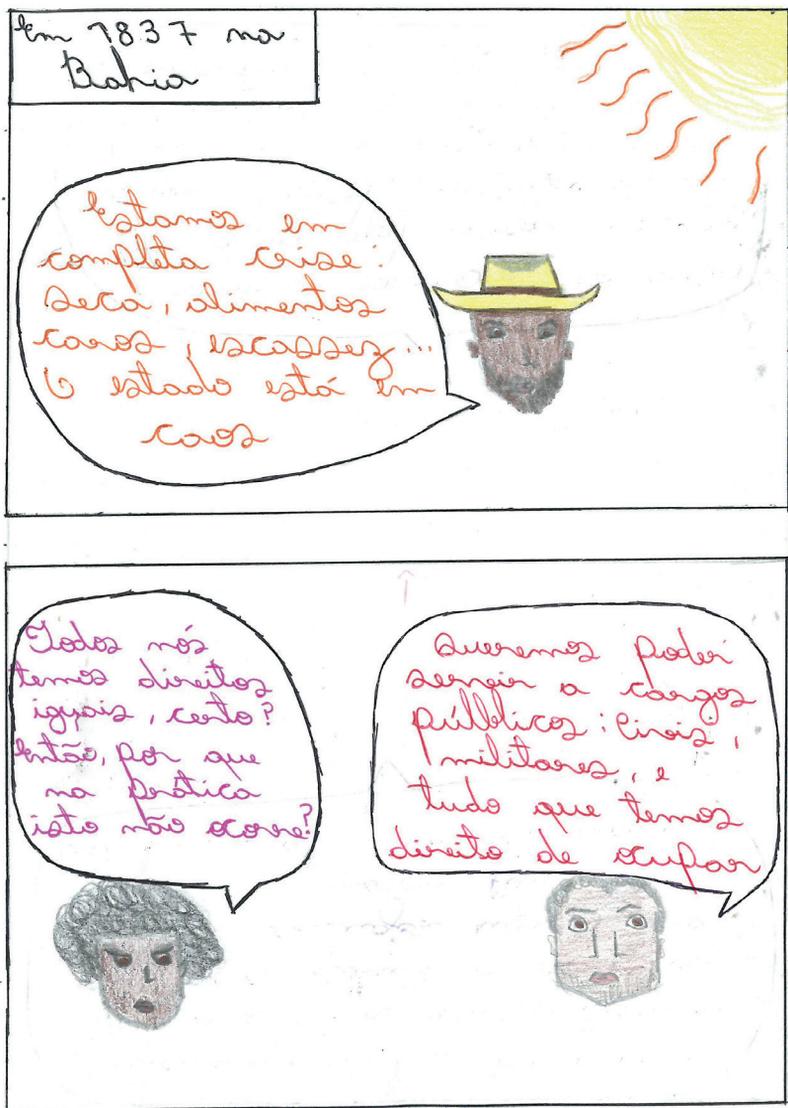
E inúmeros rebeldes
foram mortos.



E inúmeros rebeldes foram mortos.

A REVOLTA DA SABINADA

Por: Marco Antônio de Aguiar Nascimento, Giovanna Marques dos Santos Carvalho, Júlia Emanuely Colins Oliveria e Lorena Viera Corado



Em 1837, na Bahia.

- Estamos em completa crise: seca, alimentos caros, escassez... O estado está um caos.
- Todos nós temos direitos iguais, certo? Então porque na prática isto não acontece?
- Queremos poder servir a cargos públicos: civis, militares e tudo que temos direito de ocupar.

Exatamente! As leis brasileiras têm que entrar em prática... nós temos direito de ir e vir, sem ter castigos físicos marcados em nossa pele como se fôssemos escravos fugidos!

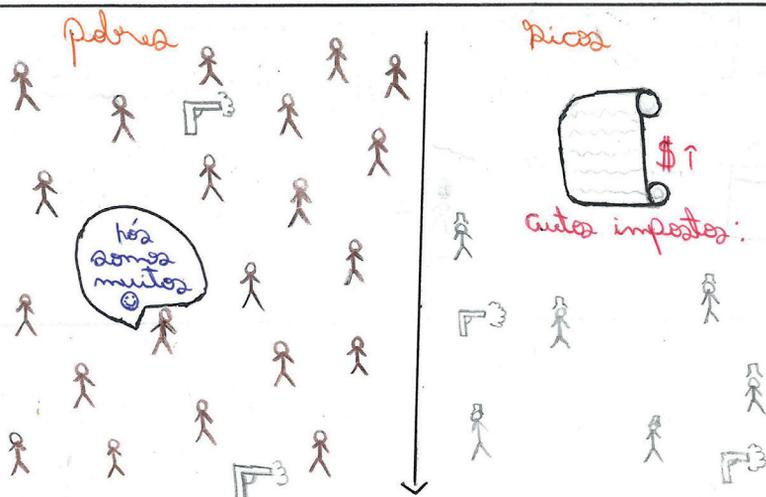


A partir de 1820, com a presença de escravos libertos e negros livres aumentando na vida pública e contingente militar brasileiro, essas demandas foram crescendo e tomando espaço na sociedade baiana!

— Exatamente! As leis brasileiras têm que entrar em prática... nós temos direito de ir e vir sem ter castigos físicos marcados em nossa pele como se fôssemos escravos fugidos!

A partir de 1820, com a presença dos escravos libertos e negros livres aumentando na vida pública e contingente militar brasileiro, essas demandas foram crescendo e tomando espaço na sociedade baiana!

Observação: Na Sabinada os descendentes de africanos livres eram geralmente os protagonistas da revolta



Oficiais eram geralmente divididos em dois grupos: os que ingressaram como cadetes (ricos), eram minoria e condenavam os altos impostos. E havia também os que pertenciam a setores sociais economicamente menos privilegiados (pobres), eles eram a maioria e quase sempre negros e mulatos.

Observação: Na Sabinada, os descendentes de africanos livres eram geralmente os protagonistas da revolta.

Pobres: — Nós somos muitos. Ricos: Altos impostos

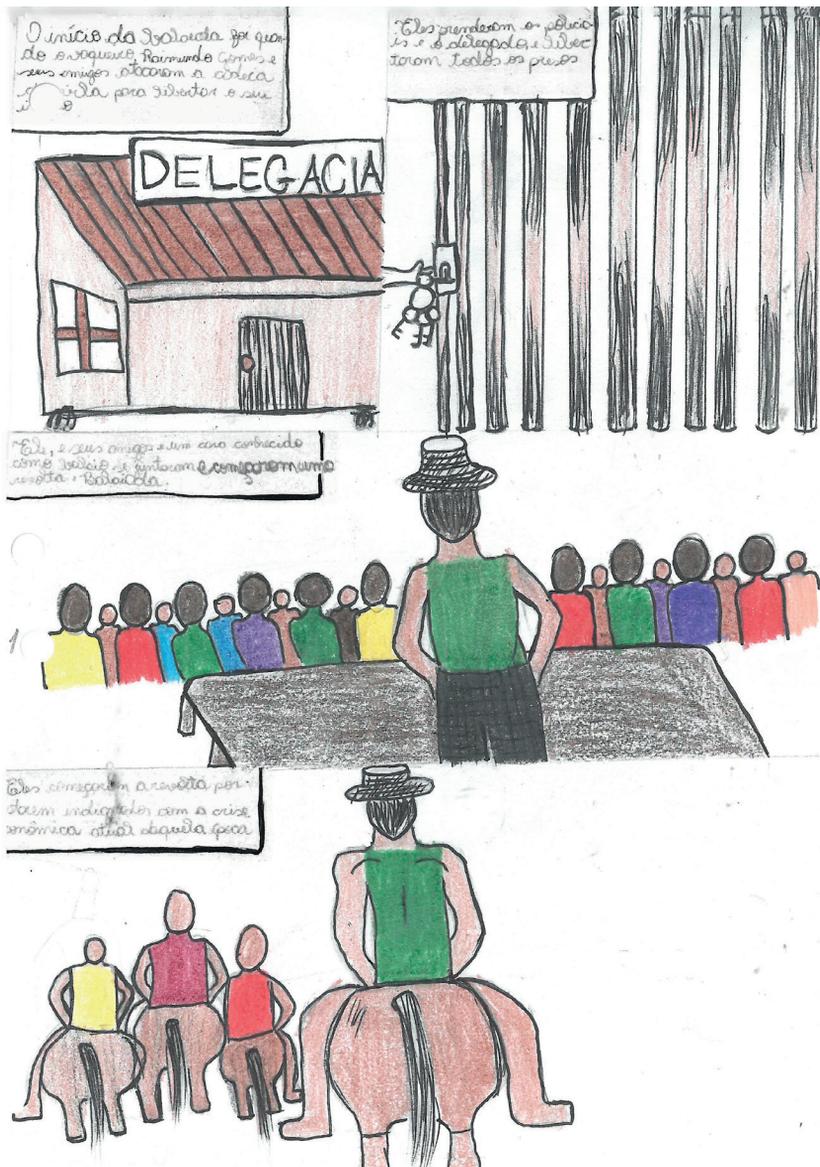
Oficiais eram geralmente divididos em dois grupos: os que ingressaram como cadetes (ricos), eram minoria e condenavam os altos impostos. E havia também os que pertenciam a setores oficiais economicamente menos privilegiados (pobres), eles eram a maioria e quase sempre negros e mulatos.

A Sabinada foi uma revolta que aconteceu na província da Bahia entre os anos de 1837 e 1838, durante o Brasil Império. Nesse período, o Brasil não tinha nenhum imperador no trono e no comando do império brasileiro estava nas mãos dos regentes, por isso afirma-se que a revolta da Sabinada ocorreu no período Regencial.

A Sabinada foi uma revolta que aconteceu na província da Bahia, entre os anos de 1837 e 1838, durante o Brasil Império. Nesse período, o Brasil não tinha nenhum imperador no trono e o comando do império brasileiro estava nas mãos dos regentes, por isso afirma-se que a revolta da Sabinada ocorreu no período Regencial.

BALAIADA

Por: Anna Clara Souza Rodrigues Couto, Sophia Gonçalves de Moura Neres,
Sophia Ramalho Sousa e Isabel de Sousa Lisboa

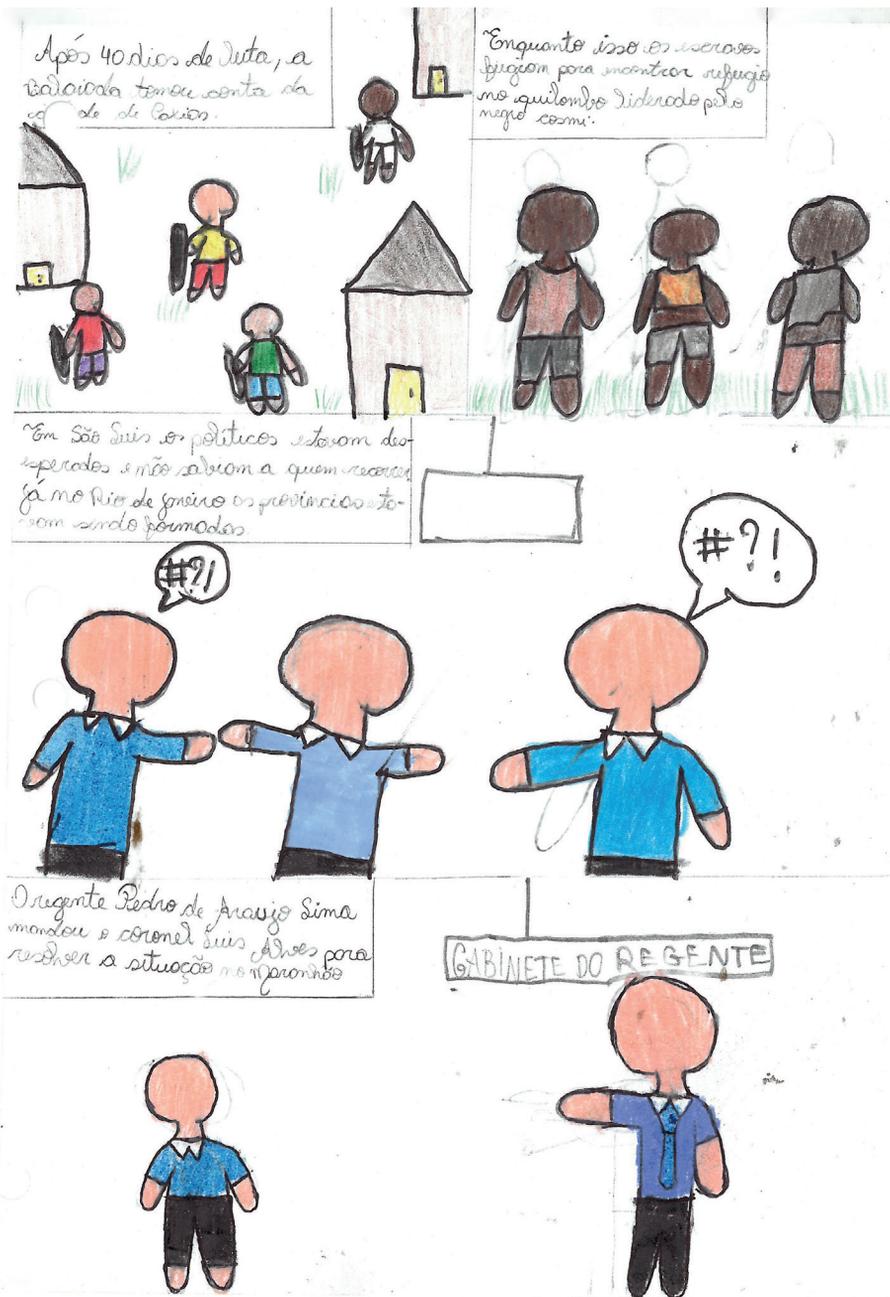


O início da Balaia foi quando o vaqueiro Raimundo Gomes e seus amigos atacaram a cadeia da vila para libertar seu irmão. Eles prenderam os oficiais e o delegado e soltaram todos os presos.

Ele, seus amigos e um cara conhecido como Balaio se juntaram e começaram uma revolta, a Balaia. Eles começaram a revolta por estarem indignados com a crise econômica atual daquela época.

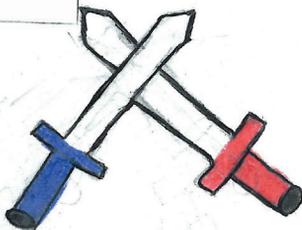


Eles paravam em alguns lugares para pegar armas e mantimentos com a ajuda do povo. Enquanto isso, na capital... Os governantes enviaram uma tropa de soldados para caçar os rebeldes. Na marcha rumo à Caxias, atacaram fazendas de políticos que encontravam pelo caminho. E começaram a chamar a população para lutar contra as "hordas de malfetores". Alguns fazendeiros, com medo, mandaram pessoas para falar com os líderes da balaiada para fazer um acordo.



Aos 40 dias de luta a Balaiada tomou conta da cidade de Caxias. Enquanto isso os escravos fugiram para encontrar refúgio no Quilombo liderado pelo negro Cosme. Em São Luís, os políticos estavam desesperados e não sabiam a quem recorrer. Já no Rio de Janeiro as providências estavam sendo tomadas. Gabinete do regente: O regente Pedro de Araújo Lima mandou o Coronel Luis Alves para resolver a situação no Maranhão.

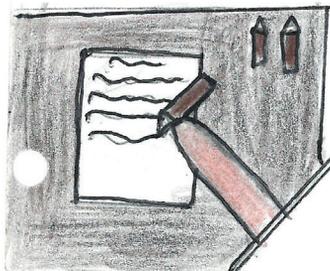
A guerra durou quase 4 anos. Começou na vila da manga que hoje é a cidade de Nina Rodrigues.



O coronel foi nomeado o presidente do governo. A luta entre eles foi muito pesada.



Os líderes dos balaios escreveram condições especiais para se renderem, o coronel não concordou.

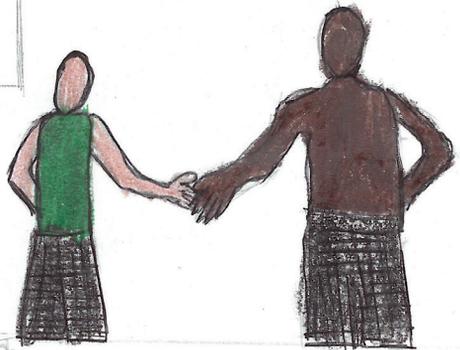


A guerra durou quase 4 anos. Começou na Vila da Manga que hoje é a cidade de Nina Rodrigues.

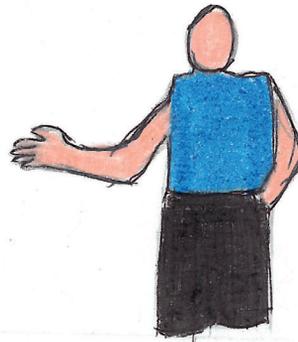
O coronel foi nomeado o presidente do governo. A luta entre eles foi muito pesada.

Os líderes dos balaios escreveram condições especiais para se renderem, o coronel não concordou.

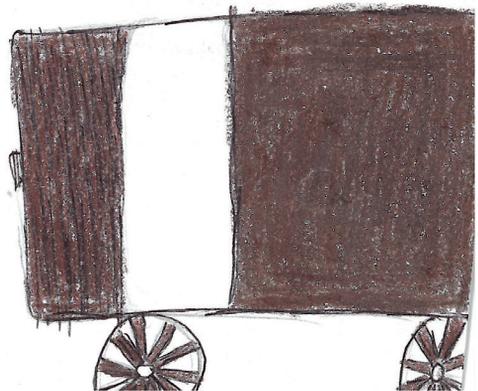
Ele queria punir o líderes. Raimundo propôs uma aliança com o negro Cosme, e ele aceitou e entrou na guerra.



O coronel propôs a alguns balaaios que traissem seus companheiros em troca de perdão. Alguns aceitaram.



O coronel conseguiu capturar Raimundo e o enviou ao Rio de Janeiro para ser julgado...

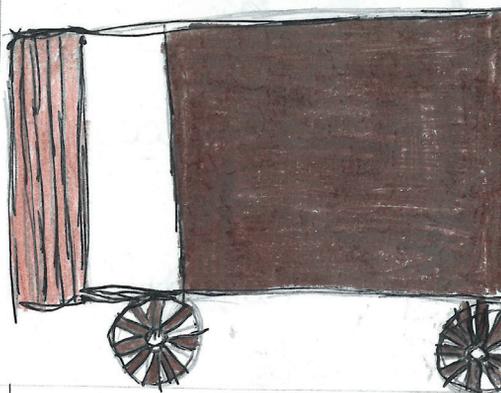


Ele queria punir os líderes. Raimundo propôs uma aliança com o negro Cosme, ele aceitou e entrou na guerra. O coronel propôs a alguns balaaios que traissem seus companheiros em troca de perdão. Alguns aceitaram. O coronel conseguiu capturar Raimundo e o enviou ao Rio de Janeiro para ser julgado.

mas ele não chegou vivo ao Rio de Janeiro



está morto.



Depois de muitos combates, capturaram o negro Cosme e, em abril de 1842, foi morto nesse mesmo ano.



O coronel não o julgou como rebelde e sim como um escravo fugitivo para servir de lição para os outros.



Mas ele não chegou vivo ao Rio de Janeiro. — Está morto.

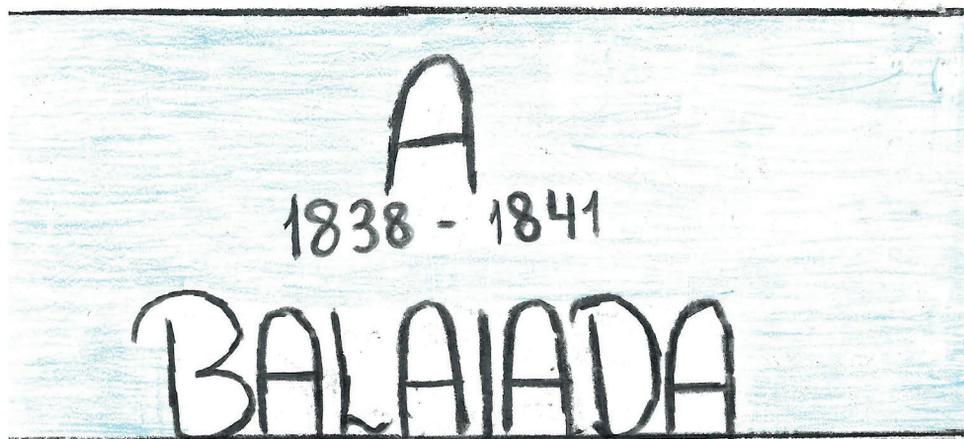
Depois de muitos combates, capturaram o negro Cosme e, em abril de 1842, foi morto nesse mesmo ano.

O coronel não o julgou como rebelde e sim como um escravo fugitivo para servir de lição para os outros.

Alunos: 1. Anna Clara, Sophia G., Sophia R, Isabela – 8º F.

A BALAIADA

Por: Maria Isabela Ferreira dos Santos, João Moisés da Silva, Kaio Eric Ribeiro de Andrade
e Almir Heyttor Marques Novais



A Balaiada foi uma revolta que eclodiu na província do Maranhão, entre os anos de 1838 a 1841. Recebeu esse nome devido ao apelido de uma das principais lideranças do movimento, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira o "Balaio".

A BALAIADA – 1838-1841

A Balaiada foi uma revolta que eclodiu na província do Maranhão, entre os anos de 1838 a 1841. Recebeu esse nome devido ao apelido de uma das principais lideranças do movimento, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, o "Balaio".

Na época, a população total do Maranhão era aproximadamente 200 mil habitantes, dos quais 90 mil eram escravos, além de uma grande massa de trabalhadores formada por sertanejos ligados à atividade pastoril e à lavoura.



Nesse momento, o Maranhão enfrentava a crise da economia algodoeira. Após a Guerra da Independência dos Estados Unidos da América, o algodão, principal produto de exportação da província, passou a sofrer a concorrência do algodão norte-americano, que voltará a dominar o mercado internacional.

Na época, a população total do Maranhão era aproximadamente 200 mil habitantes, dos quais, 90 mil eram escravos, além de uma grande massa de trabalhadores formada por sertanejos ligados à atividade pastoril e à lavoura. Nesse momento, o Maranhão enfrentava a crise da economia algodoeira. Após a Guerra da Independência dos Estados Unidos da América, o algodão, principal produto de exportação da província, passou a sofrer a concorrência do algodão norte-americano, que voltará a dominar o mercado internacional.

Durante o período regencial, o reconhecimento da independência do Brasil ainda produzia tensões no Maranhão. A política da província era marcada por disputas entre os bem-te-vis e os governistas, chamados pejorativamente de cabanos. A balaiada começou a partir dos choques entre esses dois grupos mas, em pouco tempo ganhou autonomia, tornando-se um movimento de massas sertanejas.

N.º 2

Quarta-feira 4 de Julho de 1838

BEM TE VI



Faça o que lhe digo, e não se importe com a lei; que se alguém recalcitrar eu tenho 3 recursos: o 1.º é o Campo de Urique; o 2.º a Curveta Regeneração; o 3.º o Pará. E disto ninguém está livre, nem solteiro nem casado.

Palavras de um Presidente de província á ceto Juiz de Paz, que o consultava sobre a execução de uma lei.

Salve duas vezes por semana: a assinatura sera de 32n., preço 1500; vender-se a avulso a 40 reais na rua d' sol nesta Typ.. e em casa de Felisberto José Correio

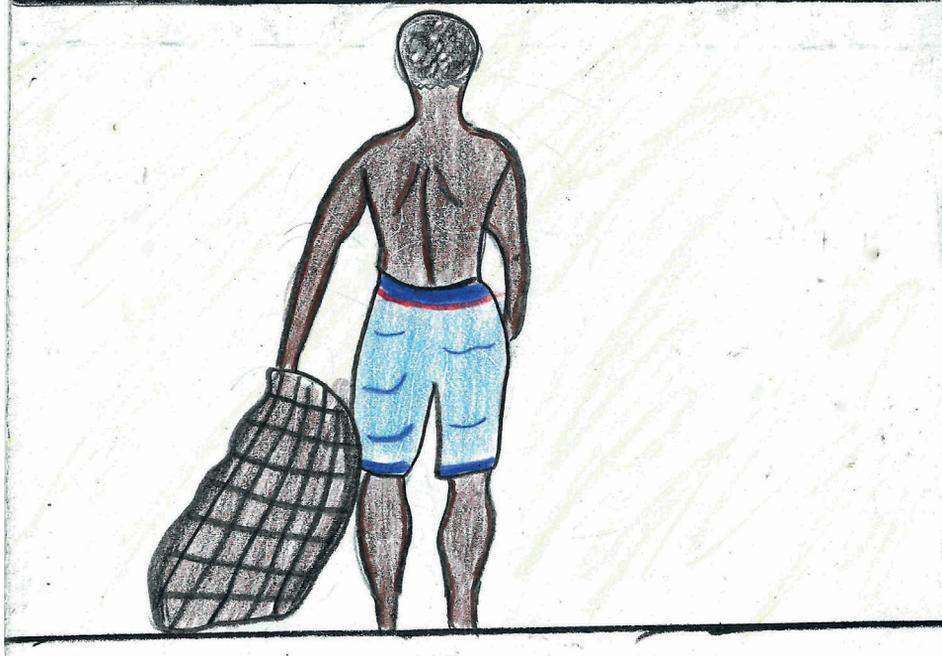
MARANHÃO TYP, CONST. DE J.1, PORTUGAL

Durante o período regencial, o reconhecimento da independência do Brasil ainda produzia tensões no Maranhão. A política da província era marcada por disputas entre os bem-te-vis e os governistas, chamados pejorativamente de cabanos. A balaiada começou a partir dos choques entre esses dois grupos mas, em pouco tempo ganhou autonomia tornando-se um movimento de massas sertanejas.

BEM TE VI - n.º 2 - Quarta-feira, 4 de julho de 1838.

"Faça o que lhe digo e não se importe com a lei; que se alguém recalcitrar eu tenho 3 recursos: o 1º é o Campo de Urique; o 2º a Curveta Regeneração; o 3º o Pará. E disto ninguém está livre, nem solteiro, nem casado." Palavras de um Presidente de província á ceto Juiz de Paz, que o consultava sobre a execução de uma lei. Salve duas vezes por semana: a assinatura será de [...], preço 1500; vender-se avulso a 40 reais na rua [...] nesta typ.. e em casa de Felisberto José Correio. Maranhão Typ, Const. de J.1, Portugal

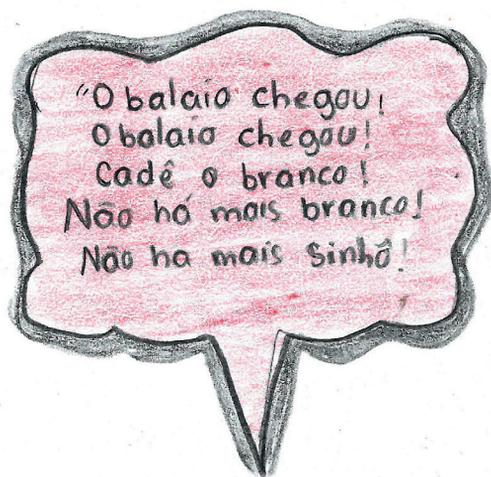
O grupo Bem-te-vi, nome tirado do jornal Bem-te-vi representava a população urbana que se opunha aos abusos dos proprietários de terras e aos comerciantes portugueses. Os conflitos entre Bem-te-vi e cabanos agravaram-se após a votação da chamada "lei dos prefeitos", pela qual os governantes locais, os prefeitos, passaram a ter poderes imensos, inclusive o de autoridade policial. Os cabanos, que estavam no poder, conseguiram maior controle da província nomeando seus partidários para o cargo de prefeitos, o que resultou em perseguição aberta a Bem-te-vi.



O grupo Bem-te-vi, nome tirado do jornal Bem-te-vi, representava a população urbana que se opunha aos abusos dos proprietários de terras e aos comerciantes portugueses. Os conflitos entre Bem-te-vi e cabanos agravaram-se após a votação da chamada "lei dos prefeitos", pela qual os governantes locais, os prefeitos, passaram a ter poderes imensos, inclusive o de autoridade policial. Os cabanos, que estavam no poder, conseguiram maior controle da província nomeando seus partidários para o cargo de prefeitos, o que resultou em perseguição aberta a Bem-te-vi.

O recrutamento obrigatório, uma das armas de que o governo dispunha a controlar a população, sempre foi muito impopular, visto que recaía basicamente sobre os menos favorecidos, obrigados a qualquer momento a servir nas forças policiais ou militares. Raimundo invadiu a cadeia, libertando não só seu irmão como os outros presos.

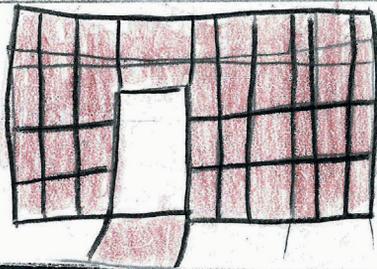
Em 1839, os balaioes a Vila de Caxias, "a segunda da província em importância", pelas ruas da Vila ouvia-se:



O recrutamento obrigatório, uma das armas de que o governo dispunha a controlar a população, sempre foi muito impopular, visto que recaía basicamente sobre os menos favorecidos, obrigados a qualquer momento a servir nas forças policiais ou militares. Raimundo invadiu a cadeia libertando não só seu irmão, como os outros presos. Em 1839, os balaioes invadiram a Vila de Caxias, "a segunda província em importância". Pelas ruas da Vila ouvia-se:

— O balaio chegou! O balaio chegou! Cadê o branco! Não há mais sinhô!

Não aceitando as exigências dos balaios, o governo provincial solicitou ajuda ao Rio de Janeiro. Em 1840, o Coronel Luís Alves de Lima e Silva, futuro Barão de Caxias, é nomeado para a presidência da província acumulando o comando das armas. À frente de 8 mil homens, e aproveitando-se habilmente das rivalidades entre os líderes balaios, Caxias em pouco tempo sufocou o movimento. No ano seguinte, em 1841, um decreto imperial concedeu anistia aos revoltosos sobreviventes. Ao entregar o governo do Maranhão a seu substituto, em 13 de maio de 1841, Caxias dizia: "Não existe hoje um só grupo de rebeldes armados, todos os chefes foram mortos, presos ou enviados para a província".



A repressão à Balaiada marcou o início da chamada "Política da pacificação", pela qual Caxias sufocou as agitações que ocorreram durante o império.

Não aceitando as exigências dos balaios, o governo provincial solicitou ajuda ao Rio de Janeiro. Em 1840, o Coronel Luís Alves de Lima e Silva, futuro Barão de Caxias, é nomeado para a presidência da província. Acumulando o comando das armas. À frente de [...] mil homens e aproveitando-se habilmente das rivalidades entre os líderes balaios, Caxias em pouco tempo sufocou o movimento. No ano seguinte, em 1841, um decreto imperial concedeu anistia aos revoltosos sobreviventes. Ao entregar o governo do Maranhão, em 13 de maio de 1841, Caxias dizia: "— Não existe hoje um só grupo de rebeldes armados. Todos os chefes foram mortos, presos ou enviados para [...] província."

A repressão à Balaiada marcou o início da chamada "Política da pacificação", pela qual Caxias sufocou as agitações que ocorreram durante o império.

BALAIADA

Por: Leônidas Tavares Mendes Lima, Lorrany França de Araújo, Katrine de Souza Machado e Helena Cardoso Rodrigues



— Meu nome é Márcio, e vou narrar uma história muito antiga. Quem me contou foi meu bisavô. Tudo começou na província do Maranhão.

FOI UM PERÍODO MUITO DIFÍCIL .



É AQUELES QUE DESOBEDECIAM AS LEIS, ERAM SEVERAMENTE PUNIDOS.



DEVIDO AS CONDIÇÕES PRECÁRIAS, ELES FORAM DIVIDIDOS EM ESCRAVOS E SERTANEJOS.



Foi um período muito difícil. E aqueles que desobedeciam as leis eram severamente punidos. Devido as condições precárias, eles foram divididos em escravos e sertanejos.



A base econômica principal era a produção de algodão.

ACUSAÇÃO! — Eu sou inocente!

Acusaram um amigo do meu bisavô de cometer abuso.



Depois de um tempo...

— O... o que? — Meu bisavô soube do ocorrido. E... Foi muito triste... Ver seu amigo sendo preso injustamente.

— Volte ao trabalho!

3 anos depois, estava insuportável.



Até que... — O que pensam que estão fazendo? — Todos atingiram seus limites e resolveram acabar com essa palhaçada. — Cansamos disso tudo. Chega de viver assim.

— Quem você pensa que é para decidir isso? Ponha-se no seu lugar, escravo.

Com isso, uma guerra se seguiu... — É o que veremos.

— Você vai se arrepender disso.



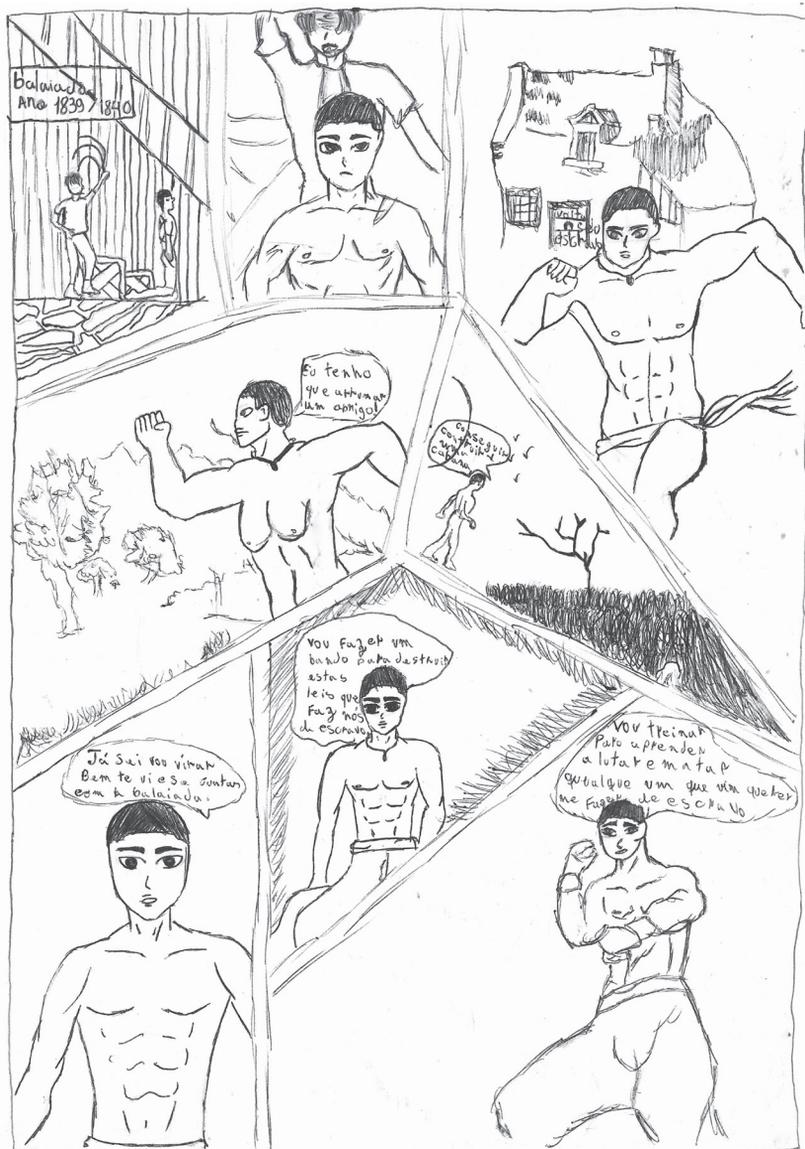
E depois de tantas matanças, choros e desesperos, a guerra acabou... E... mesmo que parecesse impossível... nós vencemos. — Finalmente... acabou....

E hoje em dia vivemos bem.

— Apesar do meu bisavô ter morrido depois, ele deixou um legado... de nunca desistir.

BEM-TE-VI BALAIADA

Por: Davi Cardoso de Jesus, Renan de Sousa Ramos, Enzo Lucas Borges Lima, Arthur Dias Pereira e Rian Henrique Bezerra de Souza



Balaiada – ano 1839-1841

— Volta, seu escravo!

— Eu tenho que encontrar um abrigo! Consegui construir uma cabana. Já sei, vou virar Bem-te-vi e me juntar com a Balaiada. Vou fazer um bando para destruir estas leis que nos fazem de escravos. Vou treinar para aprender a lutar e matar qualquer um que vir querendo me fazer de escravo.



— Então, se você quiser se juntar com a gente vai ter que assumir o risco de morte.

— Sim, eu assumo, até porque se eu morrer vou morrer livre.

— Finalmente fomos libertos!

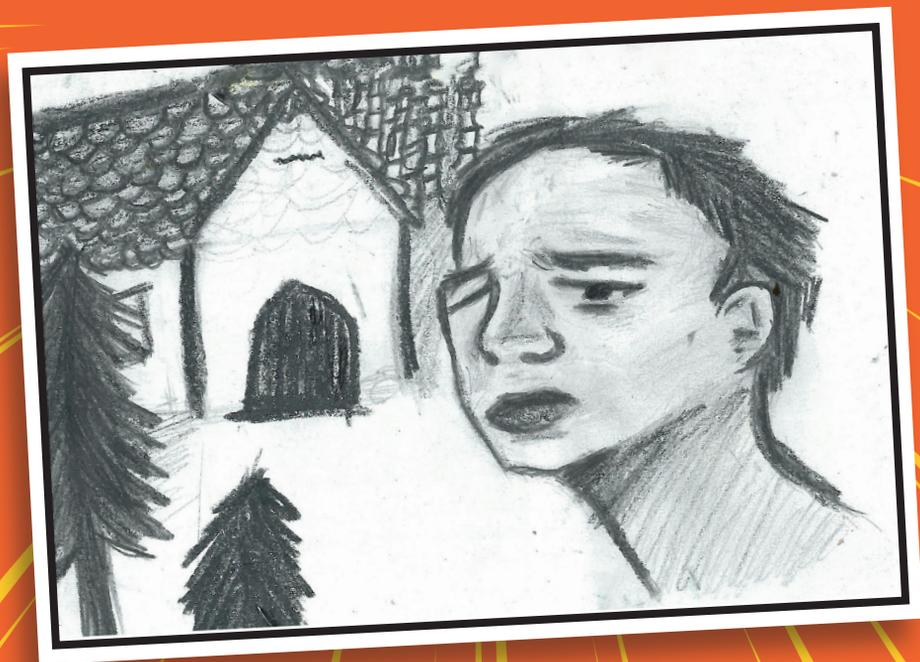
— Estou morrendo.

— Morra, infeliz!

E a balaiada acabou e os balaios que sobreviveram foram escravos.

REVOLTA DE MANOEL CONGO

(1838)



REVOLTA DE MANOEL CONGO

Por: Ana Flávia Cunha de Queiroz, July Sousa Costa dos Santos,
Rebeca Suzana de Souza e Isabel de Sousa Lisboa

| | |
|---|---|
| <p>Vassouras, RJ, 05 de novembro 1938. 300 escravos saquearam comidas, mantimentos e armas. Seguiram para outras fazendas.</p> | <p>Os escravizados africanos arrombaram uma casa de engenho e assassinaram os feitores e outras pessoas que estavam lá.</p> |
|  |  |
| <p>Essa insurgência quilombola foi comandada por Manoel Congo e Marianna Crioula. Foi uma revolta que contou com cativos africanos, crioulos e trabalhadoras domésticas* <i>antes</i></p> | <p>Marianna Crioula foi uma mulher poderosa que lutou bravamente ao lado de Manoel Congo na reves- ta dos escravos.</p> |
|  <p>O que era um escravo crioulo no Brasil? Eram escravos que nasceram no Brasil, o que ocasionou diversas brigas entre dois grupos: Escravizados africanos que conheciam o Brasil, seus costumes e escravizados nascidos aqui.</p> |  |

Vassouras-RJ, 05 de novembro de 1938. 300 escravos saquearam comidas, mantimentos e armas. Seguiram para outras fazendas. Os escravos africanos arrombaram uma casa de engenho e assassinaram os feitores e outras pessoas que estavam lá. Essa insurgência quilombola foi comandada por Manoel Congo e Marianna crioula. Foi uma revolta que contou com cativos africanos, crioulos e trabalhadoras domésticas. Mariana Crioula foi uma mulher poderosa que lutou bravamente ao lado de Manoel Congo na revolta dos escravos.

O que era um escravo crioulo no Brasil? Eram escravos que nasceram no Brasil, o que ocasionou diversas brigas entre dois grupos: escravizados africanos que conheciam o Brasil, seus costumes e escravizados nascidos aqui.

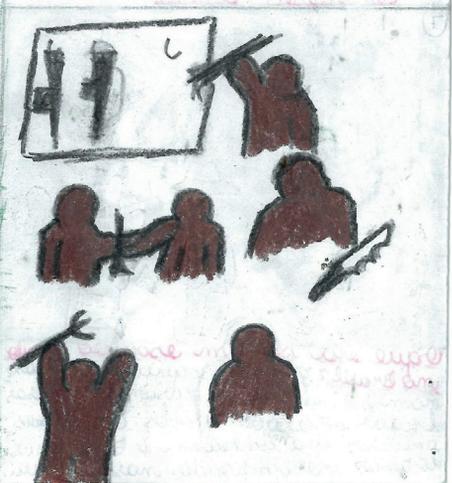
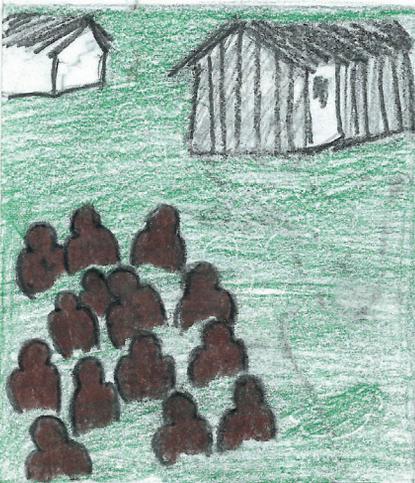
Os insurgentes estavam dispostos a conquistar a liberdade. Mulheres escravizadas geralmente trabalhavam dentro das casas de engenho, com isso, elas tinham informações que os homens não conseguiam.

Em um belo dia, uma dessas mulheres conseguiu informações cruciais que iriam possibilitar ao grupo de insurgentes iniciar a revolta.



Um desses grupos conseguiu fugir para o quilombo de Manoel Congo.

Quando chegaram lá, encontraram diversas pessoas que tinham o mesmo objetivo. Dois grupos de escravizados africanos se uniram, planejaram e executaram a revolta.



Os insurgentes estavam dispostos a conquistar a liberdade. Mulheres escravizadas geralmente trabalhavam dentro das casas de engenho, com isso elas tinham informações que os homens não conseguiam.

Em um belo dia, uma dessas mulheres conseguiu informações cruciais que iriam possibilitar ao grupo de insurgentes iniciar a revolta. Um desses grupos conseguiu fugir para o Quilombo de Manoel Congo. Quando chegaram lá, encontraram diversas pessoas que tinham o mesmo objetivo. Dois grupos de escravizados africanos se uniram, planejaram e executaram a revolta.

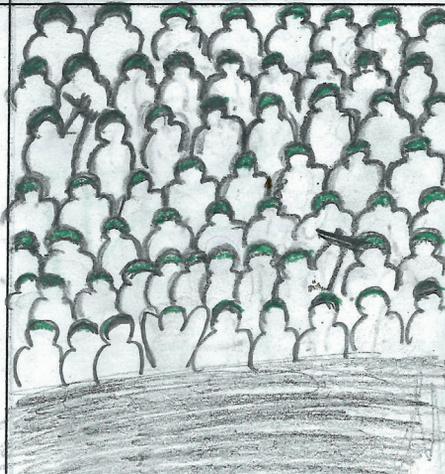
Atualmente: Depois que os dois grupos invadiram as fazendas, tiveram apenas 48 horas até o chefe da guarda nacional ser acionado.

Revoltado e assustado com o poder e a força dos quilombolas, o fazendeiro Manoel Francisco pediu ajuda ao comandante local da guarda nacional.



As expedições das tropas do coronel Manoel Peixoto para destruir e prender os revoltados não foram bem sucedidas.

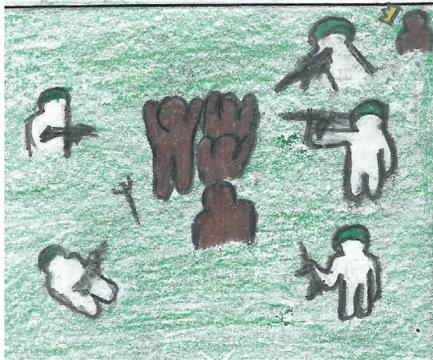
Quando o chefe da guarda chegou, conseguiu reunir 160 homens armados e bem preparados para a luta contra os escravizados quilombolas.



Atualmente: Depois que os dois grupos invadiram as fazendas, tiveram apenas 48 horas até o chefe da guarda nacional ser acionado. Revoltado e assustado com o poder e a força dos quilombolas, o fazendeiro Manoel Francisco pediu ajuda ao comandante local da guarda nacional. As expedições das tropas do Coronel Manoel Peixoto para destruir e prender os revoltados não foram bem sucedidas. Quando o chefe da guarda chegou, conseguiu reunir 160 homens armados e bem preparados, prontos para a luta contra os escravizados quilombolas.

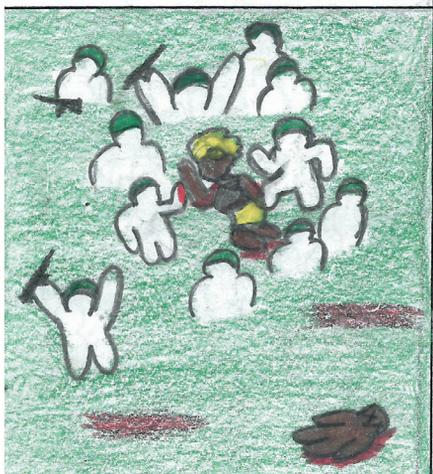
Depois de muitas horas de procura, os soldados avançaram e exigiram a rendição de todos.

Quando todos foram capturados, Manuel teve tempo apenas de incitar o ataque que iniciou uma luta feroz, tendo como resultado a morte de muitos negros e dois soldados.



Marianna Crioula, num gesto derradeiro gritou para todos: "Morrer sim, entregar não!" enquanto era brutalmente violentada com socos e chutes.

Naquele momento, foram presos: Manuel Congo, Justino Benguela, António Magro, Preto Dias, Marianna Crioula entre muitos outros.



Depois de muitas horas de procura, os soldados ameaçaram e exigiram a rendição de todos. Quando todos foram capturados, Manuel teve tempo apenas de incitar o ataque que iniciou uma luta feroz, tendo como resultado a morte de muitos negros e dois soldados.

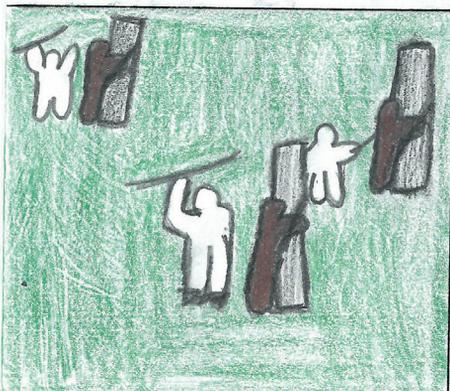
Marianna Crioula, num gesto derradeiro gritou para todos: "— Morrer sim, entregar não!" – Enquanto era brutalmente violentada com socos e chutes. Naquele momento, foram presos: Manoel Congo, Justino Benguela, António Magro, Preto Dias, Marianna Crioula, entre muitos outros.

Julgamento: Na manhã de 22 de janeiro até 31 de janeiro, a praça da Concórdia em Vassouras, fora o palco da condenação dos réus. Manoel Congo foi morto por enforcamento.



Todos os demais escravizados receberam 650 chicotadas cada um.

Todas as mulheres negras que lutaram nessa batalha acabaram sendo inocentadas.



O julgamento: Na manhã de 22 de janeiro, até 31 de janeiro, a praça da Concórdia em Vassouras, fora o palco da condenação dos réus. Manoel Congo foi morto por enforcamento. Todos os demais escravizados receberam 650 chicotadas cada um. Todas as mulheres negras que lutaram nessa batalha acabaram sendo inocentadas.

Sinopse

Essa história em quadrinhos vai mostrar como Manoel Congo e Marianna Crioula lutaram bravamente ao lado de dois grupos de insurgentes quilombolas para libertar e mostrar a sua revolta para com aqueles que os escravizavam noite e dia.

Sinopse: Essa história em quadrinhos vai mostrar como Manoel Congo e Marianna Crioula lutaram bravamente ao lado de dois grupos de insurgentes quilombolas para libertar e mostrar a sua revolta para com aqueles que os escravizavam noite e dia.

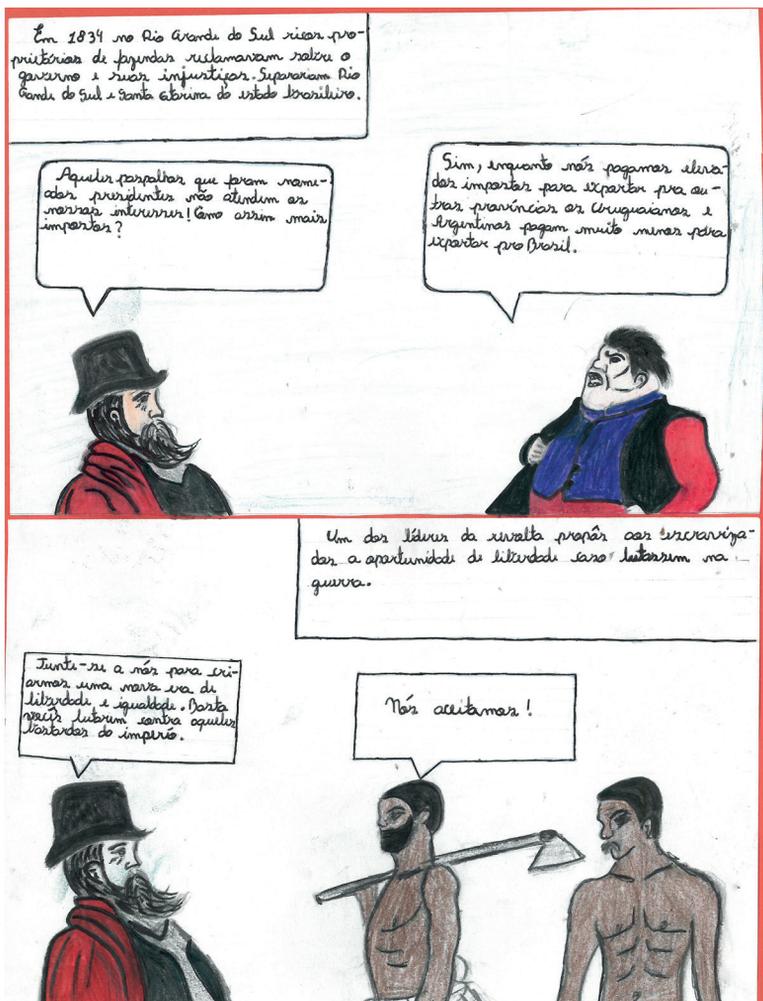
FARROUPILHA

(1835-1845)



REVOLTA FARROUPILHA

Por: Heloysa Heglaya Oliveira Daniel, Helena Duarte Lemos, Luiza Caroline Carvalho de Oliveira e Emily Jaqueline dos Santos Fagundes



Em 1834, no Rio Grande do Sul, ricos proprietários de fazendas reclamavam sobre o governo e suas injustiças. Separaram o Rio Grande do Sul e Santa Catarina do estado brasileiro.

— Aqueles paspalhos que foram nomeados presidentes não atendem os nossos interesses! Como assim mais impostos?

— Sim, enquanto nós pagamos elevados impostos para exportar pra outras províncias, os uruguaios e argentinos pagam muito menos para exportar pro Brasil.

Um dos líderes da revolta propôs aos escravizados a oportunidade de liberdade caso lutassem na guerra.

— Juntem-se a nós para criarmos uma nova era de liberdade e igualdade. Basta vocês lutarem contra aquelas bastardas do império.

— Nós aceitamos!

Conseguimos a mão de obra escrava para a guerra. Caso morram só precisamos comprar mais!

Como se a vida deles valessem mais que nossos interesses!



Em 1844 a batalha dos lanceiros negros e os nobres contra o império ocorreu em Porongos, sendo uma das últimas batalhas e sendo responsável pelo fim da rebelião.



— Conseguimos a mão de obra escrava para a guerra. Caso morram só precisamos comprar mais!

— Como se a vida deles valessem mais que nossos interesses!

Em 1844, a batalha dos lanceiros negros e os nobres contra o império ocorreu em Porongos, sendo uma das últimas batalhas e responsável pelo fim da rebelião.



Em 1844, a batalha dos lanceiros negros e os nobres contra o império sendo massacrados pelos soldados imperiais causando pouco mais de 100 mortes.

— Aqueles escravos não aceitaram nossa revolução! Ingratos!

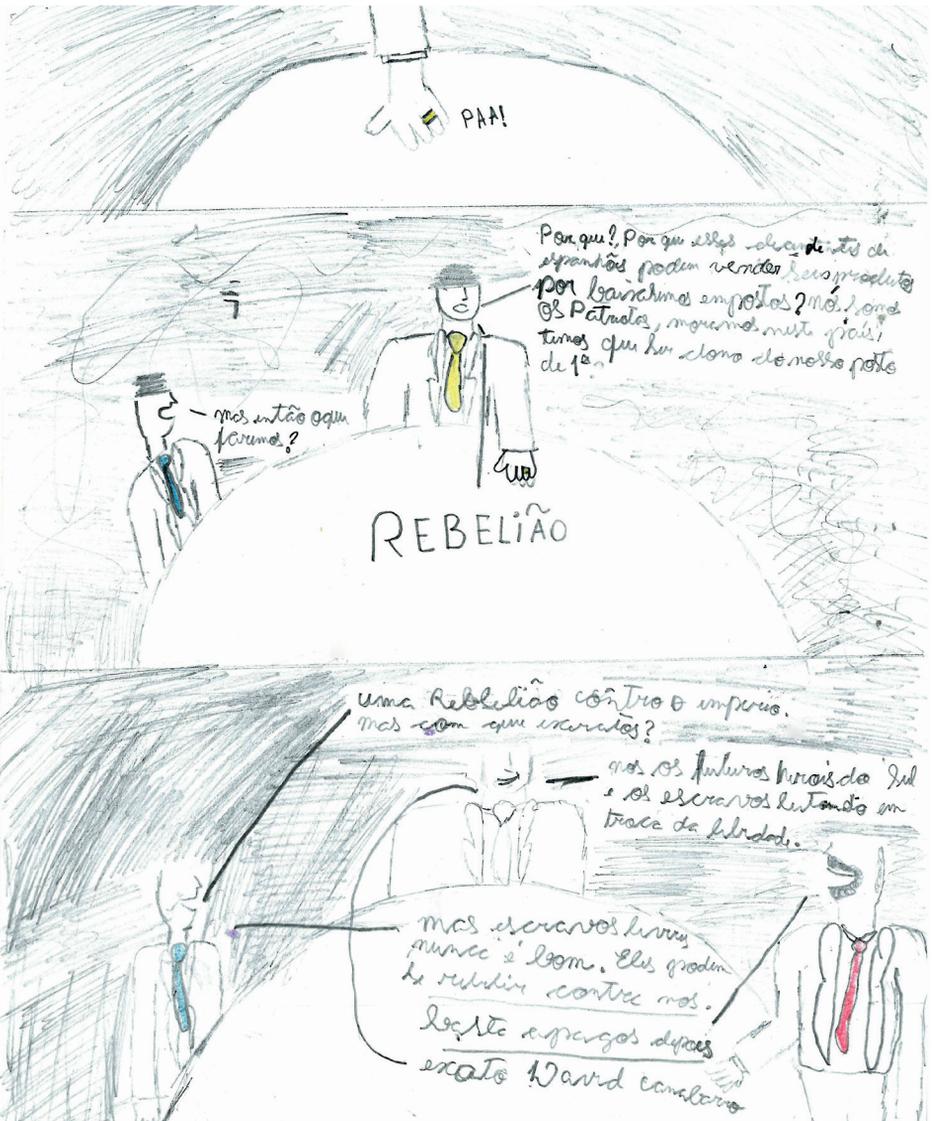
Um ano depois foi assinado um tratado de paz entre os nobres e o Duque de Caxias.

FARRAPOS

Por: Samuel Vasconcelos Azevedo, Alison Sousa Silva, Thalita Santos Viana e Gabriel Lucas Almeida da Silva



- Impostos!
 - Meu dinheiro não é de graça, porque você tirou ele de mim?
 - Mas porque eu? Sou apenas um cachorro do governo, não mando em nada.
 - Precisamos mudar isso agora. O império vai cair.
- Meses depois...



- Por que? Esses descendentes de espanhóis podem vender seus produtos por baixíssimos impostos? Nós somos os patriotas, moramos neste país, temos que ser donos do nosso porto de 1ª.
- Mas então o que faremos?
- REBELIÃO!
- Uma rebelião contra o império. Mas com que escravos?
- Nós, os futuros heróis do sul e os escravos, lutaremos em troca de liberdade.
- Mas escravos livres nunca é bom. Eles podem se rebelar contra nós.
- Basta apagá-los depois.
- Exato!



— Viver isso aqui, não é uma vida, apanhar todo dia. Mas eu vou lutar até a morte pela liberdade.

— Oh, inútil, você sabe usar lança?

— Por que?

— Pela liberdade.

Semanas depois...

— Vamos até a liberdade!

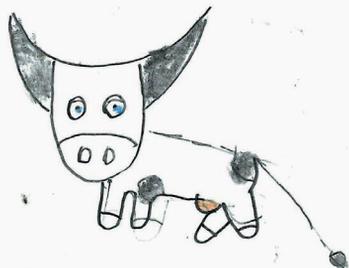


Após a luta...

— Nós, os heróis da República, declaramos a República do Rio Grande do Sul e outros. E nós lamentamos a morte dos lanceiros.

— Sim, eles venceram, mas as custas de que? Noite passada a maior força usada em batalha foi traidor por David Canabarra. Será que eles serão lembrados no futuro?

Sim, eles venceram, mas as custas de quantas vidas? De todos os verdadeiros heróis, os lanceiros negros, e caso você não tenha entendido, aqui vai um resumo: Os nossos irmãos do nosso lado podiam vender seus produtos, principalmente charck, que era produzido e conservado pelos sulistas também, mas com impostos muito mais maiores, depois disso eles organizaram uma revolta contra o império usando os escravos como exército a promessa de liberdade. Após a vitória em batalha os lanceiros negros foram traídos por David que roubou suas armas, e fizeram uma chacina que foi chamada de "massacre dos Porongos", os "heróis" brancos declararam república e fizeram com que os impostos diminuíssem, podendo comercializar com muito mais lucro e a escolha de um presidente de província.



— Sim, eles venceram, mas as custas de quantas vidas? De todos os verdadeiros heróis são os lanceiros negros e, caso você não tenha entendido, aqui vai um resumo:

Os nossos irmãos, do nosso lado, podiam vender seus produtos, principalmente "charck", que era produzido e conservado pelos sulistas também, mas com impostos muito maiores, depois disso, eles organizaram uma revolta contra o império usando os escravos como exército com a promessa de liberdade. Após a vitória em batalha, os lanceiros negros foram traídos por David, que roubou suas armas e fizeram uma chacina que foi chamada de "massacre dos Porongos". Os "heróis" brancos declararam República e fizeram com que os impostos diminuíssem, podendo comercializar com muito mais lucro e a escolha de um presidente de província.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Da lagarta a borboleta: possíveis contribuições do pensamento de Michel Foucault para a pesquisa no campo do Ensino de História. In: RALEJO, Adriana; MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). **Cartografias da pesquisa em ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019. p. 43-60.

GOUVÊA, Viviane. **Cabanagem**: a revolução das “classes ínfimas”. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/temas-oitocentistas/cabanagem-a-revolucao-das-201cclasses-infimas201d.

GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial, volume II: 1831-1870**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 53-119.

JUSTINO, Guilherme. **Os escravos que lutaram em troca de liberdade**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/lanceirosnegros.html#:~:text=Os%20Lanceiros%20Negros%20tiveram%20papel,dado%20o%20devido%20reconhecimento%20hist%C3%B3rico>.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)**. São Paulo: Objetiva, 2002.

Sites

<https://patydoalferes.rj.gov.br/historia/manoel-congo/>.

<https://fenae.org.br/portal/data/files/FF8080811706ED20011744ECDEFC6BF6/Manoel%20Congo.pdf>.

<https://historiahoje.com/revolta-de-carrancas-explode-a-violencia/>.

<https://www.infoescola.com/historia/revolta-de-carrancas/>.

<https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/revoltas/>.

<http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/a-revolta-dos-males.pdf>.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55236674>.

<https://www.geledes.org.br/os-lanceiros-negros-e-a-revolucao-farroupilha/>.

[https://www.brasilefato.com.br/2019/12/13/ha-181-anos-explodia-a-balaiada-revolta-que-uniu-escravos-e-sertanejos-no-maranhao#:~:text=Nesta%20sexta%2Dfeira%20\(13\),Balaiada%2C%20na%20prov%C3%ADncia%20do%20Maranh%C3%A3o](https://www.brasilefato.com.br/2019/12/13/ha-181-anos-explodia-a-balaiada-revolta-que-uniu-escravos-e-sertanejos-no-maranhao#:~:text=Nesta%20sexta%2Dfeira%20(13),Balaiada%2C%20na%20prov%C3%ADncia%20do%20Maranh%C3%A3o).

<https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/brasil-monarquico/91-per%C3%ADodo-regencial/8928-os-governos-regenciais>.

As autoras e os autores

- Alessandra dos Anjos Batista Gonçalves
Alison Sousa Silva
Almir Heyttor Marques Novais
Ana Clara Barros Pereira Dutra
Ana Flávia Cunha de Queiroz
Anah Kemilly Costa Santana
Ananda Luise Ramos da Costa
Anna Clara Souza Rodrigues Couto
Anndry Tatielle Nunes Pereira
Arthur Dias Pereira
Arthur Henrique da Rocha e Silva
Davi Cardoso de Jesus
Emily Jaqueline dos Santos Fagundes
Enzo Lucas Borges Lima
Erick Alexandre de Souza Ramos
Erika Luiza Miranda Santos
Esthela Beatriz Ferreira Sampaio
Felipe Antônio Pastana Almada
Gabriel Evangelista de Oliveira
Gabriel Lucas Almeida da Silva
Geovane Barbosa dos Santos
Giovanna Marques dos Santos Carvalho
Helena Cardoso Rodrigues
Helena Duarte Lemos
Heloysa Heglaya Oliveira Daniel
Ian Cléber Sousa de Oliveira
Isabel de Sousa Lisboa
Isabela Silva de Melo
Jhuly Karolayne Mattos Araújo
João Gabriel Vieira da Silva Araújo
João Miguel Siqueira Lima
João Moisés da Silva
Júlia Beatriz Ferreira dos Santos
Júlia Emanuely Colins Oliveira
Júlia Silva Oliveira
July Sousa Costa dos Santos
Kaio Eric Ribeiro de Andrade
Katrine de Souza Machado
Kauã Antunes Vaz
Kaylane Leal Bezerra
Kerollen Keize Silva Araújo
Layanne Souza Nunes
Leônidas Tavares Mendes Lima
Lorena Vieira Corado
Lorrany França de Araújo
Luís Eduardo Maciel de Santana dos Anjos
Luiza Caroline Carvalho de Oliveira
Marco Antônio de Aguiar Nascimento
Maria Clara da Silva Santos
Maria Edhuarda Marques Silva
Maria Isabela Ferreira dos Santos
Maria Luísa Teixeira Arêdes Lopes
Maria Luisa Vieira dos Santos
Nicolly Ferreira Lustosa Silva
Rafael Cristhyan Silveira Alves Fernandes
Rebeca Suzana de Souza
Renan de Sousa Ramos
Rian Dantas de Souza
Rian Henrique Bezerra de Souza
Ruan Antunes Vaz
Samuel Vasconcelos Azevedo
Samyra Vitória da Silva Santos
Sophia Gonçalves de Moura Neres
Sophia Ramalho Sousa
Thalita Santos Viana
Thayline Araújo Alves
Victhor Gabriel Souza dos Reis
Victor Alves de Oliveira
Victor Gomes Werneck Marques
Vinícius Miguel Lima de Oliveira
Yago Borges dos Santos
Yago Gabriel Rodrigues da Silva
Yasmin Vieira Câmara



Tempos de luta: histórias do período regencial é fruto de trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo de 2022 juntamente com alunas e alunos dos oitavos anos do Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia. Estudantes que se comprometeram com o processo de aprendizagem histórica e com a produção do conhecimento histórico escolar, tornando-se agentes deste processo, abrindo espaços para a formação de si como sujeitos. Ao produzirem outras narrativas sobre os movimentos do período regencial (1831-1840), constroem outras explicações possíveis e destacam a participação de homens e mulheres pobres, escravizados, indígenas. Também inventam novas formas de ser/estar no mundo, desmanchando imagens consolidadas de heróis da nossa formação como Nação, criando outras referências.

parana

ISBN 978-658510617-7



9

786585

106177